



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ROBERTO CARLOS DE FREITAS ALMEIDA

**MONTEIRO – PB, A “CIDADE FORRÓ”: UMA ANÁLISE DA CULTURA COMO
GUARDIÃ E REPRESENTANTE DA HISTÓRIA DE UM LUGAR (1997 – 2019).**

CAMPINA GRANDE – PB

2021

ROBERTO CARLOS DE FREITAS ALMEIDA

**MONTEIRO – PB, A “CIDADE FORRÓ”: UMA ANÁLISE DA CULTURA COMO
GUARDIÃ E REPRESENTANTE DA HISTÓRIA DE UM LUGAR (1997 – 2019).**

Trabalho de conclusão de Curso (Monografia) apresentado ao Departamento de História, do Centro de Educação – CEDUC, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura Plena em História.

Área de concentração: Cidade: Memória e Patrimônio

Orientador(a): Prof.^a Dr.^a Hilmária Xavier Ribeiro

CAMPINA GRANDE – PB

2021

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A447m Almeida, Roberto Carlos de Freitas.

Monteiro - PB, a "Cidade forró" [manuscrito] : uma análise da cultura como guardiã e representante da história de um lugar (1997 - 2019). / Roberto Carlos de Freitas Almeida. - 2021.

76 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2021.

"Orientação : Profa. Dra. Hilmária Xavier Ribeiro, Departamento de História - CEDUC."

1. Monteiro - Paraíba. 2. Cultura. 3. Música. I. Título

21. ed. CDD 981.33

ROBERTO CARLOS DE FREITAS ALMEIDA

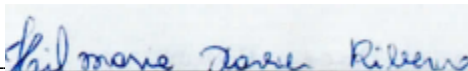
**MONTEIRO – PB, A “CIDADE FORRÓ”: UMA ANÁLISE DA CULTURA COMO
GUARDIÃ E REPRESENTANTE DA HISTÓRIA DE UM LUGAR (1997 – 2019).**

Trabalho de conclusão de Curso (Monografia) apresentado ao Departamento de História, do Centro de Educação – CEDUC, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura Plena em História.

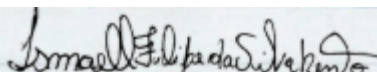
Área de Concentração: Cidade: Memória e Patrimônio

Aprovado em: 04 / 06 / 2021.

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Hilmaria Xavier Ribeiro (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Mestrando Ismaell Filipe da Silva Bento
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)



Prof. Dr. José dos Santos Costa Junior
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Aos meus pais, Zenon e Vânia, que tanto fizeram e contribuíram para que este momento chegasse, dedico os resultados deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

O sentimento que invade o meu ser neste momento é gratidão, e antes de tudo e de todos agradeço a Deus, minha fonte de fé, força e coragem em todos os anos da minha vida. Agradeço a Deus e a Nossa Senhora pela proteção e pelas bênçãos derramadas sobre mim para que eu pudesse concretizar esta etapa tão importante e que tanto esperei.

Agradeço e dedico com todo amor e orgulho desse mundo este trabalho aos meus pais, Zenon Almeida e Vânia Reis. Meus maiores exemplos de amor, doação e renúncia. Sem eles eu não seria nada. Obrigado por nunca terem desistido de mim e nem soltado minha mão, eu sou um filho imperfeito de pais tão perfeitos. E eu sempre vou repetir que sem vocês eu não seria nada. Meu maior agradecimento sempre vai ser por ter, e ser vocês, os meus pais.

Agradeço ao meu irmão mais velho, Paulo Almeida, por desempenhar essa função tão bem, por toda a ajuda e por ser inspiração e um exemplo de superação e força. E ao meu irmão, Carlos Eduardo, que admiro pela vontade de crescer e pela família tão linda que construiu. O que me faz estender os agradecimentos a minha cunhada, Dilma Alves, e meus sobrinhos Carlos Eduardo (Cadu) e Maria Luiza (Malu), amo vocês.

Sem a família nada seríamos e sem eles este trabalho não teria ficado pronto, por isso agradeço a cada um dos meus familiares, meus avôs: Edite (in memoriam), Raulino, Eduardo e minha querida avó Margarida Reis (in memoriam) que com certeza estaria muito feliz. Agradeço também a minha vizinha e madrinha, Teca, a todos os meus primos e tios, em especial a minha tia, Zenaide Almeida, por ter sido abrigo em todos esses anos longe de casa. Sou grato pelo cuidado e preocupação que “Zenas” sempre demonstrou, pelo feijão quentinho e pelas vibrações em cada conquista que obtenho na vida.

E por falar em extensão, as minhas cúmplices e muito mais que primas: Maria Edite, Helenaide, Hilnara, Heidianne e Niedja, minhas irmãs de coração a quem agradeço imensamente por todos os anos de cuidado, carinho, segredos e muito amor. Vocês são fonte de motivação para o ser humano que busco me tornar. À Niedja para além de tudo, agradeço pelos quatro anos em que dividiu apartamento comigo, e foi companhia do café da manhã sem muito humor, do almoço apressado e do jantar cheio de risadas e conversas, vamos ser grandes e lembrar de cada conversa no 501A. E aos pequenos, Davi e Mellyssa, que são a ampliação das primas “grandes”, vocês são incríveis.

Dedico este trabalho também ao querido e grande amigo João Alberto (in memoriam) que infelizmente partiu tão cedo, mas que foi um exemplo de ser humano e me ensinou muito com sua força e vontade de se provar, a ele agradeço por todas as vezes que me escutou,

ajudou e aconselhou. Saudades eternas, seu exemplo ficará vivo em cada um que pôde conviver com você, João.

E a cada núcleo de amigos que construí ao longo dessa caminhada, aos amigos de infância que sempre permaneceram ao meu lado: Sabrina, Clara, Beatriz Alves, Samanta, Frank, Allyson, Waleska, Valéria e Lorena, vocês foram essenciais no meu desenvolvimento, obrigado pela presença, companheirismo e cumplicidade em todos esses anos. Pelos dias de risada, choro, festa, bebida e principalmente ajuda.

Aos amigos que fiz ao longo dos anos em Monteiro, que graças a eles minha vida é mais alegre e que quando precisar sei que posso contar: Allan, Ranielly, Beatriz Teixeira, Isaak, Jennifer e Vitória.

Aos amigos que fiz em Campina Grande: Carla, Raiza, Denise, Felipe, Rafael e Leonardo, que se fizeram presentes em momentos tão importantes e agregaram muito, agradeço pela passagem e pelo companheirismo de cada um em minha vida.

E claro, aos amigos que fiz durante a trajetória universitária: Milena Dôso, Ismaell Bento, Elias Cabral, Amanda Judite (minha duplinha de trabalhos), Ruhama Souto, Thalles Rennan, Iven Maclaud, Maryanni R. e Laiza, que mais do que companheiros nessa estrada se tornaram amigos a quem tenho imenso apreço e gratidão pelo apoio e fortalecimento.

À Milena Dôso agradeço ainda pela irmandade, cumplicidade e por ser e se fazer tão presente na minha vida, você me puxa para o caminho certo quando estou longe.

À Laiza Rocha pelo carinho, pelo café durante os intervalos nos corredores da universidade e principalmente pela amizade, obrigado.

E a Luan Leite por me mostrar valores tão importantes, pelo incentivo em querer vencer e por ser exemplo de motivação. Sou muito grato por você ter entrado em minha vida.

Meu reconhecimento a UEPB, a cada professor (a) que tive e aos membros da banca examinadora deste trabalho, Prof. José dos Santos C. Junior e Prof. Ismaell Filipe da Silva Bento, excelentes pessoas a quem agradeço por cada valiosa contribuição.

Em especial a minha brilhante e sensacional orientadora, Hilmária Xavier, um exemplo de profissional a quem tenho enorme admiração. Agradeço pelo carinho, orientação e principalmente pelos “puxões de orelha” que me fizeram chegar até aqui. Sobretudo pelas tardes e noites no Núcleo de Pesquisa e Extensão em História Local (NUPEHL), regadas a trabalho, café, conversas e boas risadas. Ali se iniciou o carinho que tenho pela senhora e a intenção de tê-la como orientadora, e a esse último feito louvo com vitória.

Agradeço assim, a todos que passaram pela minha vida. Vocês foram fundamentais para que isso se tornasse realidade, e por isso: muito obrigado.

*“Prepare o seu coração pras coisas que eu vou
contar
Eu venho lá do sertão, eu venho lá do sertão
Eu venho lá do sertão e posso não lhe agradar.”*

(Geraldo Vandré)

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo apresentar uma proposta de análise em torno das práticas culturais desenvolvidas na cidade de Monteiro – PB, sendo a música investigada como um objeto que proporcionou visibilidade à cidade. A partir dessa temática e do objeto de estudo, pretende-se analisar as transformações sociais, econômicas e culturais do município, haja vista que essas modificaram a dinâmica da cidade nos últimos 20 anos e foram apoiadas com ações administrativas para preservação cultural. Nessa mesma linha, compreender a cultura do lugar se faz necessário para pensar as práticas e representações que circulam na e pela sociedade, bem como os processos produzidos por essas práticas, e as formas pelas quais a sociedade vivencia e consome cultura. Desse modo os estudos de NAPOLITANO (2002); CHARTIER (1988); PESAVENTO (2012) entre outros autores serão apoio teórico para entender os conceitos e mecanismos no que se refere ao trato dos objetos pesquisados. Assim como dados coletados em arquivos públicos e questionários aplicados aos cidadãos para identificar a relação dos moradores com as práticas locais e a percepção de Monteiro como “Cidade Forró”.

Palavras-chave: Monteiro – Paraíba. Cultura. Música.

ABSTRACT

This course conclusion paper intends to submit a proposal of analysis about the cultural practices developed in the city of Monteiro – PB, music being the object explored that contributed to visibility to the city. Based on this topic and the aim of the study, the purpose is to analyze the social, economic, and cultural transformations of the municipality, taking into account that those aspects changed the dynamics of the city in the last 20 years and they were supported, with administrative actions for cultural preservation. In this regard, to think about the practices and representations that diffuse in and through society, it is necessary to understand the culture of this place, as well as the processes produced by these practices and the methods that which society experiences and consumes culture. Therefore, the studies by NAPOLITANO (2002); CHARTIER (1988); PESAVENTO (2012), and other authors will be the support theoretical to understand the concepts and mechanisms concerning the treatment of researched aims. Besides that, it will be used data collected in public archives and questionnaires applied to citizens to identify the relationship between this population with those local practices and the perception of Monteiro as “City of Forró”.

Keywords: Monteiro – Paraíba. Culture. Music.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Região geográfica de Monteiro – PB.....	31
Figura 2 - Cidades circunvizinhas de Monteiro - PB	31
Figura 3 - Centro de referência do artesanato	33
Figura 4 - Recorte de jornal sobre Zabé da Loca.....	42
Figura 5 - Banner de uma das primeiras.....	43
Figura 6 - Banner da última edição	43
Figura 7 - Quadro com os interventores e prefeitos de Monteiro	44
Figura 8 - Folheto de programação do São João de 1997	45
Figura 9 - Folheto do período da gestão Lourdinha Aragão, destacando algumas programações culturais, artísticas e turísticas da cidade de Monteiro. Sendo possível observar elementos da cultura da cidade.....	47
Figura 10 - Sr. João de Amélia, Espedito de Mocinha e Zabé da loca,	51
Figura 11 - Laje de Maria Dolores no Sítio Santa Catarina.....	52
Figura 12 - Contagem regressiva para o São João.....	53
Figura 13 - Anúncio do início do São João 2019	53

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Concordância da participação na pesquisa	61
Gráfico 2 – Informação sobre o lugar de nascimento do participante	61
Gráfico 3 – Questionamento sobre se o participante reside ou já residiu em Monteiro – PB ..	62
Gráfico 4 – Referente há quanto tempo o participante residiu na cidade de Monteiro - PB ..	62
Gráfico 5 – Gênero do participante.....	63
Gráfico 6 – Faixa etária do participante	64
Gráfico 7 – Grau de escolaridade do participante	64
Gráfico 8 – Percepção dos participantes sobre o papel da cultura	65
Gráfico 9 – Conhecimento do participante sobre os artistas de Monteiro - PB.....	66
Gráfico 10 – Consumo referente ao trabalho dos artistas monteirenses	66
Gráfico 11 – Reconhecimento dos artistas de Monteiro para a cidade.....	67
Gráfico 12 – Reconhecimento de Monteiro através da música e da cultura	68
Gráfico 13 – O consumo em larga escala dos novos estilos musicais e a música tradicional ..	68
Gráfico 14 – A tradição musical como preservação da história monteireNSE	69
Gráfico 15 – Participação dos moradores de Monteiro nas manifestações culturais do município.....	70
Gráfico 16 – Percepção do participante sobre as ações do município para cultura	70
Gráfico 17 – O valor da música para uma sociedade	71
Gráfico 18 – A música monteireNSE como documento para sociedade e para a história.....	72

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 HISTÓRIA E MÚSICA: ENTENDENDO O CONCEITO DA HISTÓRIA CULTURAL E A TRAJETÓRIA DA MÚSICA POPULAR NO BRASIL	16
2.1 História Cultural: um novo campo de possibilidades	16
2.2 A trajetória da música no Brasil e sua utilização como fonte de pesquisa	19
3 CAMINHO SE CONHECE ANDANDO: UM PASSEIO POR MONTEIRO – PB E SUA RELAÇÃO COM A CULTURA NA CONSTRUÇÃO DE UMA “CIDADE FORRÓ”	31
3.1 História, Comércio e Educação em Monteiro – PB	31
3.2 O valor do Poeta Pinto do Monteiro	36
3.3 Monteiro – PB: cidade de cultura e berço de artistas	38
3.4 A Grande Zabé da Loca	41
3.5 1997 – 2019: Gestões Monteirenses e o incentivo a cultura	44
3.6 Flávio José e a Banda Magníficos: histórias de sucesso	54
4 O VALOR DA CULTURA PARA A TERRA: A RELAÇÃO DOS MONTEIRENSES COM A CULTURA LOCAL	58
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
REFERÊNCIAS	75

1 INTRODUÇÃO

A proposta de investigação desta pesquisa refere-se às práticas culturais desenvolvidas na cidade de Monteiro – PB, localizada na região ocidental do Cariri Paraibano, lugar considerado pelo senso comum como sendo de esperança, alegria, música e o berço da poesia popular. A cidade que encanta, em prosa e verso, letrado que ficou estampado por alguns anos no slogan da cidade e conhecido por (quase) todos. Diante deste contexto, surge uma inquietação referente à importância da música, especialmente o forró, para este espaço. Assim sendo, a música torna-se objeto de investigação por proporcionar visibilidade a este lugar. Todavia, desenvolver uma pesquisa sobre um objeto tão particular é preciso dar conta de um leque complexo de elementos a serem analisados, ou seja, no que se refere à música: composição, compositor, interpretação, estética, ideologia e o que esta representa para uma sociedade.

Para além de métodos necessários de análise do objeto em si, entende-se que o mesmo se insere em um contexto histórico e específico. Neste, atua contando a história do lugar. Desta forma, na composição dessa narrativa se faz pertinente conhecer e refletir sobre os artistas monteirenses observando como seus saberes e fazeres proporcionaram/proporcionam visibilidade para a cidade. É válido destacar que a música se insere em um lugar especial em Monteiro, uma vez que investimentos em educação se direcionam nesta linha, tal como o curso de música ofertado pelo Instituto Federal da Paraíba (IFPB), que proporciona oportunidades de desenvolvimento e aperfeiçoamento da cultura musical, pois muitos alunos que ali estudam desenvolvem técnicas artísticas, sendo esse uma referência no estudo de música do cariri.

A partir do objeto de estudo busca-se entender como a cultura, especialmente em torno da música, passou a representar a história de Monteiro tornando-se meio de transformação social e econômica, além de representante de patrimônio local, perspectiva a qual o trabalho irá refletir.

É importante salientar que o presente pesquisador nasceu e foi criado na cidade de Monteiro, estabelecendo relações de sociabilidades com amigos e familiares que valorizam a cultura local, e se acostumou a observar ao longo de sua vida a interação das pessoas do seu município com a música. Todavia, ainda não se pode afirmar se essa visão em torno da cultura é pensando-a como uma “ferramenta de lazer” ou como um instrumento de construção de uma identidade. E foi por meio desse questionamento que surgiu a necessidade de desenvolver tal investigação, pretendendo assim analisar a música e, portanto a cultura local,

como resultado de uma boa ideia que ajuda a pensar a sociedade e nossa história. (NAPOLITANO, 2002) Desse modo, como uma sociedade valoriza uma tradição cultural local? Será que a cultura traz reconhecimento e visibilidade a um lugar? É partindo de questões como essas que surgiu a motivação em realizar a pesquisa, sendo por elas que a centralidade do trabalho será norteadada.

O trabalho então parte da necessidade de pesquisar e conhecer a cultura e as raízes de Monteiro – PB, sendo esse um espaço de grande importância e representação para o estado da Paraíba, pois agrega em seu seio artistas como Flávio José, Walkyria Santos, Dejinha de Monteiro, Pinto do Monteiro, Zabé da Loca, entre outros que alcançaram e ainda alcançam muito sucesso pelo Brasil contribuindo para a história da cidade, como é o caso da Banda Magníficos. Esses artistas possuem um valor imensurável para cultura e carregam admiração e reconhecimento tanto pela população local, como regional.

Diante do que foi exposto, o estudo se concentra em abranger questões relacionadas à cultura da cidade de Monteiro em uma temporalidade que se estende por pouco mais de 20 anos, sendo esse período entre 1997 – 2019. Esse recorte embora possa parecer à primeira vista extenso foi escolhido porque marcou grandes transformações no que se refere ao desenvolvimento de uma cultura, sendo de relevante contribuição para compreensão das indagações relacionadas às questões culturais e ao envolvimento dos cidadãos da cidade com as manifestações. É preciso antes de tudo deixar claro que algumas mudanças, como a implantação do São João, não ocorreu de forma homogênea, pois a festa foi evoluindo e se transformando com o passar dos anos. E as ações dos gestores da cidade nesse período que se concentra o estudo foram de fundamental notoriedade para construção de um lugar que “respira” cultura.

Entre os objetivos principais desta pesquisa, busca-se analisar a cultura musical em Monteiro identificando sua influência no processo de transformação social e econômica, além de tornar-se representante da história local. Dessa forma, ao longo dos próximos capítulos será apontada a relação entre História e Música abordando a trajetória da música no Brasil e a influência desta em diversos setores da sociedade, para que assim seja possível fazer a reflexão sobre o papel da música no município e as contribuições que derivam dessa forma de expressão cultural, fazendo uma análise de como a música se tornou uma fonte a ser estudada e como essa fonte contribui para a historiografia.

Em seguida busca-se apresentar a história da cidade de Monteiro – PB, pensando as práticas culturais que giram em torno da cidade e os processos que ocorreram através da cultura, identificando a relação dos moradores com as práticas locais e as formas com que

vivenciam e consomem cultura, além de analisar o retorno financeiro gerado através de algumas ações culturais para cidade. Para por fim observar as formas que geraram visibilidade ao município e as representações que favoreceram na identificação e reconhecimento de Monteiro como “Cidade Forró”.

Além do material bibliográfico a partir de autores como NAPOLITANO (2002), CHARTIER (1988) e PESAVENTO (2012), também será utilizado como fonte para a pesquisa dados coletados em arquivos públicos, como na Biblioteca Pública Municipal e Casa da Cultura Jaime Bezerra de Meneses; e no Museu Arnaldo Bezerra Lafayette, localizados no município de Monteiro – PB, pois como menciona Pesavento:

O historiador é aquele que, a partir dos traços deixados pelo passado, vai em busca da descoberta do como aquilo teria acontecido, processo este que envolve urdidura, montagem, seleção, recorte, exclusão. Ou seja, o historiador cria o passado e, para Natalie Davis, a História é uma forma de ficção, tal como a Literatura. (PESAVENTO, 2012, p. 31)

Devido às novas concepções de documento histórico, além das fontes “tradicionais” como leis e documentos, por exemplo, o campo de trabalho e pesquisa do historiador foi ampliado, sendo possível manusear e incorporar fontes ditas “não oficiais”, ou seja, reportagens, recortes jornalísticos, fotografias, poesias, canções, entre outras, que também se caracterizam como documento ou fonte histórica e muitas vezes falam mais do que textos. Assim diversificando o repertório e enriquecendo a pesquisa.

Nos últimos 20 anos a cidade sofreu algumas intervenções nos setores relacionados à cultura e para isso os arquivos públicos, bem como a Secretaria de Cultura e Turismo, possuem informações necessárias referentes às ações realizadas pelo poder municipal e a dados relacionados à cultura: leis, organização de festivais, projetos, entre outros, que são pertinentes à investigação e realização do trabalho. A pesquisa ainda buscará apresentar trabalhos de artistas monteirenses a fim de investigar alguns elementos que possibilitam analisar composição, o público, e a visão fornecida sobre a cidade a partir do trabalho dos artistas.

No âmbito da pesquisa que se pretende desenvolver tenta-se ainda entender, através da aplicação de um questionário a população, qual a relação da sociedade com a cultura de Monteiro, ou seja, como se reconhecem através dessa. Avaliando, portanto, como os moradores da cidade consomem e vivenciam a cultura do lugar, pensando ainda o desenvolvimento do município e as representações a partir das práticas culturais, sendo de grande interesse refletir o porquê da atual denominação de Monteiro como “Cidade Forró”. O

método de aplicação do questionário foi através da plataforma online Google Forms, e contou com uma amostra de cerca de 220 pessoas, objetivando obter informações sobre a relação da sociedade monteirense e dos novos moradores com a cultura.

Os caminhos para o desenvolvimento de uma pesquisa não são simples, especialmente em um campo que ainda possui questões pouco exploradas pelos pesquisadores, como é o caso da História e Música. Mas ao longo da investigação a intenção é apresentar, apoiado no campo da História Cultural, a história de uma cidade. Nesse sentido reitera-se o comprometimento para com a pesquisa e acredita-se na possibilidade de desenvolvimento de um trabalho que permita a reflexão em torno da cultura de um lugar, pensando as práticas e representações, na busca por referenciais que permitam problematizar essas e outras questões que surgirão e contribuirão para o trabalho. Apontando um novo olhar sobre essa associação entre Cultura e História, que oferece tantas possibilidades, bem como novos questionamentos, e que sem dúvidas são de vital importância. Pois perguntar produz conhecimento e sendo assim, a curiosidade é sinal de vida.

Espera-se, sobretudo, contribuir para a historiografia local a partir desse estudo levantado no município de Monteiro, elaborando uma pesquisa que compreende aspectos tão importantes como é o caso das práticas e representações culturais na projeção de uma cidade, analisando o consumo e envolvimento da população com a cultura de um lugar e o movimento de transformação e visibilidade por essa. E assim somar com a História local dos municípios paraibanos, conectando-se com o âmbito geral e servindo de inspiração para outras produções.

2 HISTÓRIA E MÚSICA: ENTENDENDO O CONCEITO DA HISTÓRIA CULTURAL E A TRAJETÓRIA DA MÚSICA POPULAR NO BRASIL

Trabalhar no campo da história da música não é algo tão simples quanto possa parecer. Como explicita Napolitano (2002) pesquisar sobre música não se resume a apenas ouvi-la, mas, sobretudo pensá-la, pois é um objeto complexo e nesse sentido um lugar de privilégio na história sociocultural, visto que há muito a oferecer.

Ainda seguindo uma análise apontada por Napolitano (2002), cabe ao historiador que for trabalhar dentro desse campo entender as redes que o formam bem como as várias manifestações e estilos musicais. Fazendo assim uma análise para além do próprio gosto do pesquisador, pois é preciso “transformar o jovem pesquisador apaixonado em um jovem pesquisador apaixonado e crítico” sendo essa uma relação muito perigosa. (NAPOLITANO, 2002, p. 7) Diante desse conceito, a relação entre História e Música será explorada ao se fazer uma associação entre o lugar de nascimento do pesquisador com o objeto no qual é apaixonado, algo que nas palavras do próprio autor é deliciosamente perigoso e exige ao historiador o dobro de cuidado.

Para realização e compreensão desta pesquisa é preciso dialogar com o campo da História Cultural, Napolitano (2002) menciona que o foco sobre a música é de interesse de diversas ciências humanas como a sociologia, antropologia, literatura, entre outras. Assim sendo, se faz pertinente o diálogo com o campo da História Cultural, que nesse segmento oferece uma parcela significativa de contribuição, pois além de permitir uma associação com as ciências mencionadas, também se associa com outros campos da história, permitindo tecer uma análise das transformações sociais, econômicas e culturais, nesse caso, causadas pela influência da música através de práticas e representações na cidade de Monteiro – PB. Sendo assim, neste capítulo será destrinchada a trajetória da música (popular) no Brasil e a importância da História Cultural para o presente estudo, visando entender o papel da música e sua relação com a História.

2.1 História Cultural: um novo campo de possibilidades

Os estudos envolvendo a cultura sempre foram campos mais renegados pelos pesquisadores e pelas grandes correntes historiográficas existentes, especialmente durante o século XIX e XX, por isso não era comum, como ainda não é, encontrar grandes produções envolvendo o domínio da cultura nesse período, haja vista que estudos econômicos e sociais

eram mais privilegiados do que os culturais, pois como menciona Pensavento (2012) esse último era encaixado em uma terceira instância.

Mas a própria História se mostra e se desenvolve de formas diferentes em cada período da humanidade e o século XIX é um dos mais importantes quando se tenta entender as mudanças que ocorreram sobre esse novo olhar para a História, bem como para os campos que viriam a surgir, pois foi um período de novas possibilidades na pesquisa e construção desse campo enquanto ciência, inclusive Barros (2013) traz a denominação do “Século da História”. Mas, é somente no século XX que ocorre uma reviravolta na forma de se pensar sobre essa ciência, com o surgimento de novos olhares em torno dessa. Isso ocorre devido à reconfiguração no campo da disciplina, com o surgimento de novos domínios historiográficos, como é o caso da História Econômica, Social, das Mentalidades e a Cultural, campo no qual esta pesquisa se enquadra, e que proporcionaram uma multidiversificação do saber histórico.

Porém é realmente a partir dos anos 1980 que certas posturas historiográficas passaram a ser questionadas e junto a isso houve um maior interesse pelo campo cultural, o que ocasionou em novas formas de ver e fazer história, mudando o panorama dominante e permitindo que novos espaços fossem “descobertos” e explorados, como o da História Cultural que passa a pensar a cultura como “um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo” (PESAVENTO, 2012, p. 8).

Isso quer dizer que formas, estilos, tendências, expressões, normas, instituições, discursos, ritos, atitudes, comportamentos, relações de sociabilidade, a presença da música e entre outras formas que possuem valor representativo para uma sociedade e que nesse sentido são elaboradas por homens para viverem e seguirem por elas, torna-se foco dos estudos da cultura. Isso a partir principalmente da aproximação das novas ciências do século XX com o campo da História. Pois delimitaram um novo espaço e uma história que buscava “pensar como uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”. (CHARTIER, 1988, p. 17).

Como afirma Pesavento (2012) os indivíduos que habitam as diversas sociedades existentes, solidificam suas realidades através de representações que por sua vez dão sentido ao mundo, e é nesse sentido que o campo da História Cultural atua, entendendo essas manifestações que se encaixam no domínio da cultura e explicando-as, focando em como práticas e experiências de uma comunidade refletem as ideais e valores dos homens sobre o mundo.

A sociedade possui objetos, como os mencionados acima, que derivam de práticas e representações, que é o que os historiadores da cultura denominam de maneira simplificada de “modos de fazer” e “modos de ver”, e nesse sentido, toda produção cultural estaria inserida nesses dois módulos. A presença da música em uma sociedade, como é o foco do presente estudo torna-se um tema importante porque permite que sejam analisadas quais as práticas culturais envolvidas nela e por ela, e assim se entendam as representações que essas práticas geram. O que será investigado nos próximos capítulos. (BARROS, 2011).

O que se deve ter em mente é que práticas e representações, como aponta Barros (2011, p. 51), são “resultados de determinadas motivações e necessidades sociais”, ou seja, essas manifestações são produzidas e reproduzidas por homens em suas diversas interações sociais com alguma finalidade, seja de dominação ou para reforçar algum objetivo interessado. Por isso é extremamente necessário estar atento e investigar quem discursa e quem escuta:

Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação. As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio. (CHARTIER, 1988, p. 17)

Nesse sentido, entender as noções de práticas e representações, mencionadas por Chartier (1988) permite que seja observado como determinada realidade é construída e a forma como grupos impõem suas concepções de mundo mediante representações, pois é através dessas que são produzidas estratégias e práticas, entendendo dessa forma que discursos e atitudes não são neutros, mas sempre movidos por interesses, sejam para fins de dominação ou legitimar algum objetivo.

As representações são, ainda reiterando Roger Chartier, consideradas matrizes de discursos e práticas sociais na construção de um objetivo no mundo social, comandando “atos” que são executados pelos indivíduos de uma sociedade. A representação pode descrever uma sociedade como ela é, ou como se gostaria que fosse, afirmando a identidade de algo ou de um lugar, por exemplo, através daquilo que representa, ou seja, naquilo que se vê através da representação. É o que Chartier (1988) denomina como “o mundo como representação, moldado através de séries e discursos que o apreendem e o estruturam”. (p. 23). Portanto, a representação possui força, e constitui práticas que reconhecem a identidade de um lugar.

2.2 A trajetória da música no Brasil e sua utilização como fonte de pesquisa

A música desde tempos muito remotos desempenha diversos papéis na vida das pessoas, e ao longo das décadas sofreu inúmeras transformações, ou melhor, evoluções, até chegar ao que se conhece atualmente como Música Popular Brasileira (MPB), não sendo assim, algo dado como pronto, mas o resultado de muitos processos ao longo dos anos, e que sofreu determinadas influências através do tempo, resultando em diversos gêneros e ritmos musicais. Nesse sentido, a música se caracteriza como um objeto de valor sociológico que carrega em si histórias e memórias de um lugar, sendo, portanto, o resultado de várias ideias que ajudam a pensar a sociedade, tendo um lugar de privilégio na história sociocultural. (NAPOLITANO, 2002).

Marcos Napolitano (2002) em seu livro intitulado “História e Música” faz uma síntese sobre a trajetória da música no Brasil e seu processo de desenvolvimento, sobretudo devido ao interesse e crescimento que esse campo vem alcançando nos últimos tempos:

Sua gênese, no final do século XIX e início do século XX, está intimamente ligada à urbanização e ao surgimento das classes populares e médias urbanas. Esta nova estrutura socioeconômica produto do capitalismo monopolista, fez com que o interesse por um tipo de música, intimamente ligada à vida cultural e ao lazer urbano, aumentasse. (NAPOLITANO, 2002, p. 8)

Ao abordar sobre o processo de desenvolvimento da música no Brasil, o autor permite que seja rememorado um processo de séculos atrás, que começou a se desenvolver a partir do fim do século XVIII e passou por inúmeros processos de “evolução”, pois o conceito de música tal qual é conhecido atualmente não se deu de maneira uniforme, foi um processo de alteração e reconhecimento que sofreu diversas influências, sobretudo políticas e econômicas, que demorou anos até se chegar a um “consenso” sobre o que é música popular brasileira, bem como se deu a formação dos gêneros que se enquadram dentro deste, nas palavras do autor, “filtro de organização, ou, complexo cultural plural”. (Napolitano, 2002, p. 49). Assim sendo, inicialmente a MPB era pensada como um gênero musical específico, mas a partir da segunda metade do século XX vai se caracterizando como uma “instituição” musical, o que poderá ser observado nas próximas páginas.

O campo de estudo sobre a música, no Brasil, começou a se desenvolver com mais rigor a partir das décadas de 1970 e 1980, e devido às novas formas teórico-metodológicas que foram surgindo dentro da área dos estudos musicais, a música começou a ser valorizada como um objeto de estudo com toda a complexidade que a forma. Pois, ao se trabalhar com a

música, muitos imaginam que por se tratar de algo associado ao divertimento e/ou lazer, e é necessário deixar claro que a música não se trata apenas disso, é simples de se “manusear”.

A música é um elemento capaz de ampliar as capacidades comunicativas das pessoas e possibilita experiências seja no privado ou no coletivo, e justamente por trazer lembranças, sentimentos e emoções tornando-se dessa forma muito mais que entretenimento e distração, faz parte de vivências complexas que despertam sentimentos diversos e constroem identidades. Então a música segundo (Cunha & Pacheco, 2011, p. 323) faz parte de “manifestações acústicas, cultural e socialmente partilhadas” alterando inclusive a rotina e os costumes dos indivíduos.

Sendo assim, como aponta Napolitano (2002) a música não é apenas “boa para ouvir”, mas também é “boa para pensar”. (P. 8), portanto deve-se levar em conta tudo que a envolve: letra, instrumentos, contexto, autoria, estética, ideologia, e a sociedade. Para que assim, seja possível compreender as diversas manifestações que a música aponta, e transforma-la em crítica, nesse caso, para a História. Algo que não é tão simples quanto possa parecer.

Como um produto de consumo, tal qual é reconhecida atualmente, a música começa a ser explorada no século XX, e tem sua gênese ligada, principalmente, a urbanização e ao crescimento das classes populares, como foi possível observar anteriormente. Sendo produto de uma estrutura socioeconômica derivada do capitalismo, ligada a vida cultural e se consolidando através de diversas formas e ritmos ao longo dos anos, como a ópera, o samba, o tango, o choro, o forró e outros. Lembrando que inicialmente a música estava muito associada à dança, ao corpo e mesmo a sensualidade, o que não se diferencia tanto da experiência musical moderna, que como aponta Napolitano (2002) é marcado pela audiência, drama e a dança.

A História da música ocidental passou por diversos momentos, mas três momentos são pontos cruciais, sendo eles: 1) A Revolução Burguesa, em meados do século XVIII, que devido ao gosto burguês pela música, estimulou à criação de casas de eventos, teatros, editores musicais entre outros; 2) A Cultura de Massa, através do surgimento de novas formas musicais e ritmos de dança, especialmente durante a Primeira Guerra Mundial, abriram caminhos para novas estruturas e um mercado consumidor mais amplo; 3) O advento do Rock'n Roll e da cultura pop, momento que acontece após a Segunda Guerra Mundial, marcado pela busca de autenticidade e liberdade, principalmente por uma nova geração de jovens da classe trabalhadora, algo que possibilitou novas experiências no espaço musical. (MIDDLETON apud NAPOLITANO, 2002). A partir, principalmente, desses três momentos o campo de visão sobre a música, e a própria experiência musical, foram sendo modificados,

haja vista que um novo público, assim como novos ritmos se formaram e abriram novas possibilidades, porém de formas diferentes em cada lugar.

A trajetória da Música no Brasil, como no mundo, é marcada por momentos importantes e diversos. Sua evolução não se deu, portanto, de maneira linear e uniforme. O que se escutava e produzia na Europa, por exemplo, é diferente dos sons e gêneros que se formavam nas Américas.

Alguns dos “gêneros” musicais mais influentes do século XX podem ser analisados sob este [p. 18] prisma: o jazz norte-americano, o son e a rumba cubana, o samba brasileiro, são produtos diretos dos afro-americanos que incorporaram paulatinamente formas e técnicas musicais européias. A cuenca chilena, por exemplo, era produto da assimilação de formas musicais indígenas. Já o bolero mexicano e o tango argentino são sínteses originais de várias formas européias (ibéricas), como a habanera. (NAPOLITANO, 2002, p. 12)

Em um primeiro momento, as Américas incorporaram formas e valores musicais europeus, a exemplo da music-hall inglesa, da chanson francesa e da música flamenca espanhola¹, sem contar ainda com as famosas danças de salão europeias que se expandiram pelo mundo na década de 1840, como a valsa e a polca, porém, a dinâmica musical foi mudando, sobretudo devido à influência dos negros e indígenas, que consolidaram novas formas musicais através de suas especificidades regionais, o que foi fundamental para a formação e expressão cultural das nacionalidades, afirmando sua cultura e influenciando ainda na criação de outros gêneros musicais, como os mencionados. (NAPOLITANO, 2002).

Mas a Música Popular nem sempre foi apreciada com prestígio, especialmente pelos teóricos e intelectuais das diversas sociedades que formavam o ocidente. Existia uma grande dicotomia, como ainda existe, entre o Erudito e o Popular, sendo esse segundo visto como inferior e associado a grupos sociais específicos, considerados subalternos, algo que só começou a mudar no final do século XX “[...] A música “popular” permaneceu como uma filha bastarda da grande família musical do Ocidente e só a partir dos anos 60 passou a ser levada a sério, não apenas como veículo de expressão artística, mas também como objeto de reflexão acadêmica.” (NAPOLITANO, 2002, p. 11)

A Música Popular inicialmente era caracterizada como um tipo de música inferior, carregando definições consideradas insatisfatórias e incompletas para uma verdadeira obra

¹ A Music-Hall Inglesa, a Chanson Francesa e a música Flamenca Espanhola são alguns dos exemplos das primeiras formas musicais que surgiram na Europa, por volta do século XVIII e XIX, com exceção da Chanson Francesa que começou a se desenvolver no período renascentista. Para outros detalhes e mais exemplos ler: NAPOLITANO, Marcos. História & música – história cultural da música popular / Marcos Napolitano. – Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

considerada de “valor”, que nesse caso derivaria da música erudita. Reduzindo ainda seus produtores, compositores e consumidores, a um grupo sem identidade e de gosto duvidoso. Isso acontecia porque os críticos consideravam que com o aumento da indústria cultural, as pessoas estavam consumindo muito mais o sucesso do que a obra em si, é o que Adorno considerava ser a “Indústria Travestida em Arte”, uma realização, através da Música Popular, da ideologia do capitalismo monopolista, nas palavras do teórico Theodor Adorno. Para o mesmo, a Música Popular desempenharia uma função alienante, gerando uma subordinação de classe, em outras palavras uma dominação dos ouvintes ou passividade desses, visando apenas o enriquecimento. (ADORNO apud NAPOLITANO, 2002).

Porém, outras correntes foram se contrapondo a essas ideias, defendendo que a música não está ligada a determinada classe ou grupo social, o que ocorre na verdade são apropriações e mediações culturais. E que são mediadas por fatores econômicos, sociais, culturais e ideológicos. Sendo, portanto, as obras musicais produtos dessas convenções socioculturais, ligadas por alianças ideológicas e culturais entre vários grupos e classes sociais. E é nesse contexto que se enquadra a MPB, surgindo a partir de alianças sociais e políticas entre grupos na busca por um ideal de nação. (NAPOLITANO, 2002).

A trajetória da Música Popular, e que no caso também pode ser entendida como música urbana, tem seus primeiros passos dados, a se dizer assim, no fim do século XVIII e início do XIX, através de dois principais estilos musicais, a Modinha e o Lundum, sendo essa primeira consagrada por Domingos Caldas Barbosa², marcada pela melancolia e derivada da música portuguesa. Já o lundum, era caracterizado por ser uma forma musical mais silenciosa, e foi trazido pelos escravos bantos, embora posteriormente tenha sido incorporada as tradições da corte real, sendo transformado em dança de salão, continuou sendo uma das primeiras formas culturais afro-americanas, como explicita Napolitano (2002):

A vida musical na virada do século XVIII para o XIX, no Brasil, não assistiu apenas à formatação destes dois gêneros de “música ligeira”, como se dizia — a modinha e o lundu — mas também a uma febre de música religiosa, sobretudo em [p. 42] Minas Gerais, mas também em Olinda, Salvador, São Paulo e Rio de Janeiro. Em sua maioria, os músicos que praticavam este tipo de música eram mestiços ou mulatos e se organizavam em irmandades religiosas (como a Irmandade do Rosário,

² Domingos Caldas Barbosa é um grande nome envolvendo a música popular, especialmente por sua contribuição no que diz respeito à composição de lundus e modinhas, para além de compositor, o brasileiro era cantor, poeta e autor, nascido no Rio de Janeiro por volta de 1738. Frequentou as melhores escolas do Rio de Janeiro e quando adulto entrou para a Universidade de Coimbra, tornando-se um intelectual da época e elevando o prestígio da modinha e do lundu. Para mais informações sobre a vida e obra de Caldas Barbosa é só acessar o trabalho de SAWAYA, Luíza. Domingos Caldas Barbosa: para além da Viola de Lerenó. Dissertação (Mestrado em Estudos Românicos). Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 2011.

que congregava negros e mulatos) e produziam uma música delicada e sofisticada, voltada para a liturgia da Igreja Católica. (NAPOLITANO, 2002, p. 29)

A música religiosa, também foi uma forma que marcou o início da gênese da música urbana no Brasil, porém, era voltada para a liturgia da igreja católica, se contrapondo as formas da música ligeira, popular e erudita. Nesse sentido, a música ligeira, popular, erudita e sacra configuravam-se as principais formas musicais no Brasil do século XIX. É possível observar ainda que a presença de negros e escravos nas configurações da música no Brasil se deu de forma praticamente unânime nos diversos ritmos que surgiam, isso porque a atividade musical era vista como prática artesanal, um trabalho que era desempenhado até a segunda metade do século XIX quase que somente por escravos.

Essa visão só começou a mudar depois da influência do Romantismo, da criação do Conservatório Musical do Rio de Janeiro em 1848 e da Academia de Música e Ópera Nacional entre 1857 e 1865, que estruturaram formas musicais consideradas eruditas, e contribuíram para nomeação de Carlos Gomes³ como o primeiro gênio musical de ópera no país, elevando o prestígio do trabalho com a música. Embora negros e escravos ainda estivessem na frente do trabalho com a música. Inclusive a Fazenda de Santa Cruz, localizada no Rio de Janeiro, era um conservatório para escravos que tinham como tarefa divertir a corte. (NAPOLITANO, 2002).

O Rio de Janeiro até fim do século XIX e início do século XX era um dos lugares mais importantes, tanto no que diz respeito às formações musicais, quanto para os encontros sonoros, porém não era o único. O Nordeste, especialmente na década de 1940, e mais precisamente as regiões da Bahia, Pernambuco, Paraíba e Ceará, forneceram muitos ritmos musicais, formas poéticas e outras expressões culturais, tais como o forró, frevo, e o baião de Luiz Gonzaga, que como menciona Napolitano (2002) consagrou a música nordestina. E assim foram se configurando os ritmos e elementos musicais no Brasil oitocentista, marcados por uma tradição plural carregavam a música sacra, as danças profanas, as modinhas, cantos e jogos em seu seio.

Diga-se de passagem que o sucesso destas danças deveu-se ao trabalho dos editores musicais sediados no Rio de Janeiro, [p. 44] cujo pioneiro, Pierre Laforge, fundou

³ Antônio Carlos Gomes nasceu no Rio de Janeiro em 1836, foi um grande nome dentro da música popular do século XIX por contribuir e se destacar na composição de ópera. Em 1861 assumiu o cargo de regente de orquestra da Imperial Academia de Música e Ópera Nacional, onde começou a trilhar seus primeiros passos rumo à carreira internacional, na qual também obteve sucesso, chegando a se apresentar no Teatro Scala em Milão e ganhar o título de Cavaleiro da Ordem da Coroa da Itália, fazendo sucesso tanto em território nacional como internacional. Fonte: CARLOS Gomes. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa15076/carlos-gomes>>. Acesso em: 03 de Mar. 2021. Verbete da Enciclopédia.

sua estamperia musical em 1834. Narciso José Pinto Braga e Isidoro Bevilacqua (e seu filho Eugênio Bevilacqua) também foram grandes impressores musicais, concentrando-se em modinhas, lundus e polcas. A Editora Filippone e Cia (1848), considerada a primeira editora musical do Brasil, especializou-se em árias e transcrições de trechos de óperas italianas. (NAPOLITANO, 2002, p. 30)

Essas casas e editores musicais foram responsáveis pela disseminação dos gêneros musicais brasileiros, bem como estrangeiros, e tinham suas sedes nos estados do Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, São Paulo, e outros. Movimentando assim a dinâmica das cidades e contribuindo para divulgação e apreciação da música brasileira. Que por sinal, deixou pouquíssimos registros, haja vista que era um período sem acesso e sem grandes possibilidades de divulgação, sendo a tradição oral a maior responsável por esse trabalho.

A modinha e o lundu foram, nas palavras de Napolitano (2002), matrizes de uma série de práticas musicais que marcaram a sociabilidade em torno da experiência musical e “da mistura musical resultante, surgirão os gêneros modernos de música brasileira: a polca-lundu, o tango brasileiro, o choro e o maxixe, base da vida musical popular do século XX” (Napolitano, 2002, p. 30).⁴

Ao longo da segunda metade do século XIX novos ritmos foram se consolidando e outros se tornando mais fortes, como a polca, o choro, maxixe e o batuque, sendo esses mais fortes no estado do Rio de Janeiro trazendo valor a vida social e a vida musical carioca. Sem esquecer, é claro, do Samba, que se consolidou entre as décadas de 1920 e 1930, e junto ao carnaval formaram um dos principais “eixos socioculturais da vida musical brasileira”. (Napolitano, 2002, p. 32).

Sob a liderança de Pixinguinha, grupos como a “Orquestra típica”, “Os diabos do céu” e “Guarda velha”, os músicos da primeira geração do samba carioca consagraram uma forma de tocar música popular que influencia os músicos até hoje, inclusive porque foram personagens importantes na história fonográfica brasileira e puderam deixar suas obras registradas em fonogramas, disponíveis para as gerações futuras. (NAPOLITANO, 2002, p. 34)

O aumento e interesse pela música no Brasil trouxeram mudanças significativas nas questões sociais e culturais do país. O início do século XX foi marcado pelo surgimento das primeiras canções no Brasil, e pelo grande investimento na indústria fonográfica. Em 1902 a

⁴ Joaquim Calado Junior, Patápio Silva, Pinxiguinha, Benedito Lacerda, Chiquinha Gonzaga, são alguns nomes importantes no que se refere à contribuição para a formação da música urbana brasileira, fizeram carreira no Brasil especialmente no século XX e deixaram registros em composições de tangos, peças musicais, modinhas e marchinhas. Outros nomes podem ser encontrados na obra de Napolitano: NAPOLITANO, Marcos. História & música – história cultural da música popular /Marcos Napolitano. – Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

primeira canção brasileira foi gravada, o que sem dúvidas marcou e contribuiu para um novo período na tradição musical popular.

Não obstante, grandes músicos e cantores levaram para o disco boa parte da “alma brasileira”: Eduardo das Neves, Anacleto de Medeiros, Mário Pinheiro e Baiano. Este último foi quem gravou a primeira canção no Brasil, “Isto é bom” (1902), lundu de Xisto Bahia, bem como o primeiro samba, “Pelo Telefone” [p. 47] (1917). (NAPOLITANO, 2002, p. 32)

A partir da década de 1920 novas formas musicais foram se configurando no Brasil, o nascimento do Samba é um dos primeiros momentos que marcou essa mudança, tanto nas estruturas rítmicas, quanto na forma de se fazer e produzir música. Mas é importante deixar claro que o samba como se conhece atualmente só começou a ser configurado a partir da década de 1950, inicialmente ele era marcado pela estruturação rítmica do maxixe, do choro e da marcha. E à medida que novas performances e formas musicais foram emergindo, o samba também foi sendo construído e se adaptando. Mostrando assim, como coloca Napolitano (2002), que não se deve pensar nos ritmos e gêneros musicais como estruturas “puras”, pois ao longo das décadas foram inúmeras as transformações que sofreram sendo, portanto, a história da música plural e miscigenada.

O samba da década de 1920 é diferente do samba da década de 1930, por sinal denominado “Samba Raiz”, e nasceu da ruptura com o tipo de samba dos anos 20. E um dos elementos que mostra essa diferença é a questão da implantação de instrumentos de percussão, que muito se assemelha com o que se reconhece por samba atualmente. Isso se deu principalmente devido às novas possibilidades de registro sonoro, já que antes não era possível, dada as formas de registro sonoro disponíveis, captar sons tão fortes e altos. Nomes como Ismael Silva, Noel Rosa, Francisco Alves e Mário Reis podem ser associados a esse novo tipo de Samba emergente na década de 1930, inclusive os dois últimos são os grandes responsáveis pela fundação das escolas de samba, elementos típicos do carnaval brasileiro. (NAPOLITANO, 2002).

Assim sendo, a Música Popular foi ganhando espaço e se enquadrando em movimentos importantes, como é o caso dos movimentos políticos cívico-nacionalistas emergentes do século XX. Que propagavam um caráter “autêntico” e “legítimo” da música popular brasileira associada ao nacionalismo, propagando uma tradição que afirmava a brasilidade através da música, buscando considerar a música puramente brasileira, algo que como já pôde ser visto não é correto afirma, pois a música brasileira se formou a partir de formas diversas e híbridas. (NAPOLITANO, 2002).

E foi nesse sentido de afirmação da brasilidade e de forte nacionalismo que surgiu o conceito de “Velha Guarda” e “Era de Ouro”. Durante a década de 1940 os meios de comunicação estavam ganhando muito mais força e espaço do que em anos anteriores, e o rádio já se consolidava como o maior meio de comunicação do período, possibilitando que ritmos musicais, tanto nacionais como estrangeiros, fossem tocados com mais frequência e destinados a um público maior. Isso acabou incomodando determinados grupos da sociedade, que passaram a considerar a música popular como “popularesca e comercial”:

Além do rádio, as chanchadas cinematográficas foram o grande veículo do tipo de música popular que logo passou a ser objeto de crítica de um conjunto de homens de rádio, folcloristas e críticos musicais, acusada de ser “popularesca” e [p. 58] “comercial”. Foi esta corrente de pensamento que forjou o conceito de “velha guarda” e “era de ouro”, justamente para resgatar um passado musical que parecia ameaçado (WASSERMAN, 2001). (NAPOLITANO, 2002, p. 39)

Nesse sentido, pode-se observar que a “Velha-Guarda” surgiu como um movimento na tentativa de valorizar a música popular, especialmente o samba dos anos 1920-1930, ou seja, a chamada “primeira geração”, e considerava que os novos ritmos e estilos musicais que estavam emergindo eram uma ameaça à nacionalidade e a identidade popular. A partir daí começou uma articulação entre os já mencionados grupos para negar as tensões existentes, bem como o processo de modernização, com o objetivo de atingir a maior parte da população e reforçar o patriotismo através da idealização de um passado “puro e autêntico” contra a popularização da música brasileira. É o que Napolitano (2002, p. 40) menciona ser a estratégia de folclorização⁵, que estava em alta na época e buscava “chegar às massas populares, seja para reforçar o patriotismo conformista (direita) ou a consciência nacional (esquerda)” manipulando dessa forma a identidade nacional-popular guiando-se pela tradição.

Dessa forma a década de 1930 foi considerada pelos “folcloristas” como a era de ouro, pois era um período visto por esses como de maior importância e qualidade no quesito musical. A Elite considerava os novos ritmos inferiores aos considerados tradicionais, e deve-se ressaltar que essa corrente foi ainda mais ampliada depois da criação da Revista de Música

⁵ É importante esclarecer que no período em questão, Mario de Andrade, poeta e romancista considerado um dos fundadores do movimento do Modernismo no Brasil, investigava elementos que pudessem constituir uma identidade nacional, para isso propôs um projeto estético-ideológico que buscava através, sobretudo, do resgate de elementos tipicamente brasileiros, como o folclore, construir uma cultura brasileira moderna. Nesse sentido, suas obras carregavam elementos que caracterizassem a cultura brasileira na busca por uma identidade nacional. O que se difere da estratégia de folclorização mencionada no corpo do texto, haja vista que a palavra se remete a ideia de passado e tradição, tratando-se de um projeto cultural industrial, implantado pelos críticos cariocas. In: SOUZA, Ricardo Luiz. Modernismo e Cultura Popular: o projeto estético de Mario de Andrade. Mediações – Revista de Ciências Sociais, Londrina, v. 10, n.1, p. 105-123, jan.-jun. 2005 ISSN 1414-0543

Popular em 1954 por Lúcio Rangel⁶, considerado o pai da crítica musical brasileira, sendo um dos principais focos de sua revista à divulgação dos ideais folcloristas e a tentativa de considerar a música urbana carioca como genuinamente brasileira. (NAPOLITANO, 2002).

Mas, contrapondo-se a esses ideais tradicionalistas, surgiu em meados de 1950 a Bossa Nova, um tipo de movimento que buscava no resgate do samba aliar-se a modernidade, configurando dessa forma uma nova estruturação para o campo musical, no que se refere principalmente à harmonia, ritmo e melodia. A Bossa Nova se configurou, portanto, como um pensamento musical que valorizava as misturas, e diferente do movimento da Velha-Guarda, as novas tendências modernas. É então a partir da Bossa Nova, e através da sintetização de seus elementos junto aos da Velha-Guarda, que surge um novo gênero musical, a MPB, como corrobora Napolitano (2002):

A MPB foi pensada a partir da estratégia de “nacionalização” da Bossa Nova que traduzia uma busca de “comunicabilidade e popularidade”, sem abandonar as “conquistas” e o [p. 65] novo lugar social da canção. Por outro lado, os novos intérpretes não só traziam a memória da “bossa” recente (Edu Lobo, por exemplo), mas também da bossa renegada do bolero e do hot-jazz (como Elis Regina). Chico Buarque, por sua vez, trazia de volta à cena musical a memória do samba urbano dos anos 30 (Noel), marcando sua obra inicial (1966-1970) como um conjunto heterogêneo de expressão do samba, com predominância de elementos da “velha” e da “nova” bossa. (NAPOLITANO, 2002, p. 44)

Portanto, a partir da sintetização de elementos da tradição musical popular brasileira surgiu em 1965 a MPB, inicialmente enquadrada como um gênero musical nasce como esse ponto de ligação entre o velho e o novo, por assim dizer, como aponta Napolitano (2002, p. 44) “no sentido de reorientar a própria busca da consciência nacional moderna” e atrair os diversos tipos de público, tornando-se um dilema entre tradição e ruptura.

É ainda nesse contexto que paralelamente surge outro movimento cultural durante os anos 60, o chamado Tropicalismo, nascendo da crítica a MPB nacionalista e através das influências de correntes artísticas voltadas para cultura pop, seja nacional ou estrangeira, como, por exemplo, o rock’n’roll, manifestava em seu seio tradições da música popular brasileira junto a inovações estéticas que a modernidade fornecia. Com o impacto dessa nova corrente que se configurava como “inimiga” da MPB, o tropicalismo acabou influenciando em mudanças nas bases que estruturavam a MPB, no sentido principalmente de abertura para

⁶ “Foi o editor, junto com Pêrsio de Moraes, da Revista da Música Popular, nos anos de 1954 a 1956, no Rio de Janeiro, a mais importante publicação do gênero até então, reunindo dezenas de colonistas e articulistas, em matérias sobre música popular brasileira e dando também conta do panorama musical norte-americano e europeu. A famosa revista teve catorze números e foi recentemente reeditada em fac-símile. Através desta revista e como crítico em colunas espalhadas pela imprensa carioca e paulista, Lúcio Rangel foi um dos principais formadores de opinião sobre música no Brasil nos anos 1950”. (MARTINS, 2010, p. 2)

outras influências estéticas, o que sem dúvidas foi fundamental para a nova era que a MPB se enquadrou na década de 1970. (NAPOLITANO, 2002).

Durante a década de 1970 o Brasil viveu o auge da Ditadura Militar, que foi um regime instaurado entre 1964 a 1985 marcado principalmente pela violência e censura. O cenário musical naquele momento não era dos melhores, nesse sentido, os movimentos “tropicalistas” e “emepebistas” foram alvos da repressão do regime militar, o que acabou influenciando na formação de uma frente ampla musical já que o inimigo agora era outro, ou seja, a censura. Dessa forma, em 1972 o tropicalismo acabou se associando a MPB, tornando-se uma tendência dentro do sistema musical brasileiro, e junto ao surgimento de outras tendências musicais mais regionais, como as do Nordeste, acabou por diversificar e ampliar o repertório, sendo esses movimentos fundamentais como indica Napolitano (2002, p. 48) no “processo de institucionalização do conceito MPB”.

A partir daí a MPB passou a ter diversas vertentes, bem como movimentos culturais que podiam tanto divergir quanto convergir, misturando-se. Entre os movimentos populares desse período é necessário citar ainda, a Jovem Guarda, que foi um movimento cultural propagado também na década de 1960, principalmente através de um programa de TV que influenciou no nome do movimento, apresentado por Wanderléa, Erasmo Carlos e Roberto Carlos, cantores de grande reconhecimento e importância para Música Popular Brasileira, inclusive ainda hoje eles são lembrados com prestígio dados suas contribuições para a música brasileira. Em relação à música, os principais temas que dominavam as letras das canções da Jovem Guarda eram sobre o cenário cultural brasileiro e sobre identidade nacional. Sendo a principal inspiração do movimento as bandas de rock’n’roll que ganhavam popularidade na época. (OLIVEIRA, 2011).

Com as diversas vertentes que a MPB passou a representar, como indica Napolitano (2002, p.49) o movimento começou “a ser visto cada vez menos como um gênero musical específico e mais como um complexo cultural plural” configurando-se dessa forma, especialmente na década de 1970, como uma instituição musical, aglutinando heranças do passado e apontando para novas tendências. Mas deve-se esclarecer que a MPB ainda nesse período era ligada a classe média, a uma área mais intelectualizada da sociedade, embora tenha alcançado outros tipos de público, o seu público padrão foi formado por intelectuais e brasileiros com maior poder aquisitivo.

Nos anos que se seguiram até o final do século XX, a Música Popular Brasileira viu ascender novos ritmos como o Axé, Funk, Pagode, o Forró e até perdeu espaço para o Rock nos anos 80, mas mesmo assim os herdeiros da MPB foram considerados os mais atrativos

pela indústria musical, especialmente até os anos 2000. (Napolitano, 2002). Mas isso não impediu o surgimento dos novos ritmos musicais que até os dias de hoje vem se consolidando no mercado. Nota-se que a partir da Música Popular, da sua evolução e das correntes e movimentos que derivaram e convergiram através dela, o Brasil possui atualmente um grande repertório no que diz respeito a ritmo, melodia e gêneros musicais, consagrando uma história rica e plural da música e contribuindo para estudos envolvendo esse campo.

Como Napolitano mostra através de suas contribuições para o campo da história da música, a música vem sendo considerada, sobretudo a partir do século XX, a tradutora de diversos dilemas nacionais, abordando através das letras das canções problemas sociais, críticas, denúncias e até mesmo utopias sociais. Conseguindo alcançar um grau de reconhecimento cultural que nos possibilita fazer alguns paralelos no mundo ocidental. E o Brasil, nesse sentido, é considerado uma grande usina sonora do planeta, e sendo assim, um lugar privilegiado não apenas para ouvir música, mas como mostra o autor: pensar a música, e tudo que envolve e é envolvido por esse campo. É nesse sentido, que adentrando o interior do Brasil, e mais especificamente a cidade de Monteiro – PB a pesquisa se faz importante, para que se entendam as mudanças que ocorrem no município através da influência cultural e musical, pois entender a cultura de um lugar possibilita que sejam examinadas práticas e representações sociais, tradições, tempos históricos e outros elementos que carregam e contribuem para a História.

Conhecer a História através da Música é um método que possibilita a aproximação com os mais diversos âmbitos da sociedade, pois é um objeto que aumenta o poder de comunicação e amplia a divulgação, investigação e compreensão de determinada realidade cultural popular. Embora não seja um campo tão simples de trabalhar, a música como justifica Moraes (2000, p. 208) é “a memória da cultura popular de um lugar”. Sendo papel do historiador, ainda segundo Moraes (p. 210) “compreender aspectos gerais da linguagem musical e criar seus próprios critérios, balizas e limites na manipulação da documentação”. E então analisar ou reconstruir a realidade social e cultural (im)posta.

A forma como a presença da música move uma sociedade no sentido de proporcionar mudanças em uma comunidade, sejam essas mudanças sociais, econômicas, políticas e/ou culturais, são de interesse dessa História Cultural. E é nesse sentido que o estudo proposto se encaixa neste campo, pois se busca entender como a presença da cultura na cidade de Monteiro – PB afetou a dinâmica no município, proporcionando visibilidade ao lugar e influenciando em mudanças nos diversos âmbitos, observando ainda as representações construídas. Através das contribuições dos historiadores da cultura, que estudam as formas

para que sejam decifradas as representações do homem sobre o mundo, agora é possível contar de outra forma uma versão já existente. Sendo só mais uma possibilidade de narrar de outra forma a história de um lugar, lembrando sempre que o estudo em torno da música é complexo e ambíguo.

3 CAMINHO SE CONHECE ANDANDO: UM PASSEIO POR MONTEIRO – PB E SUA RELAÇÃO COM A CULTURA NA CONSTRUÇÃO DE UMA “CIDADE FORRÓ”

A música como pôde ser observado no primeiro capítulo é um objeto muito particular, pois carrega em si, histórias e memórias sobre diversos aspectos e diversas sociedades. Sendo, portanto, um objeto de estudo muito importante no campo da História. É nesse sentido que o presente trabalho busca-se apoiar, evidenciando a partir do papel da cultura, especialmente da música, na sociedade monteirense, as mudanças que decorreram no município de Monteiro – PB, sobretudo em seus aspectos culturais, sociais e econômicos.

3.1 História, Comércio e Educação em Monteiro – PB

Antes de tudo, é necessário situar o leitor quanto ao espaço geográfico da cidade de Monteiro. Como já mencionado, Monteiro fica localizada na região ocidental do Cariri paraibano, a cerca de 300 km da capital João Pessoa. O município ainda faz divisa ao Norte com o município da Prata (PB); ao Sul, com São Sebastião do Umbuzeiro e Zabelê (PB); ao Leste, com Camalaú e Sumé (PB); e, ao Oeste, com Sertânia, Iguaraci e Tuparetama (PE)⁷. As Figuras 1 e 2 apresentam a região geográfica que Monteiro está situada:

Figura 1 - Região geográfica de Monteiro - PB



Fonte: <https://www.ferias.tur.br/fotogr/41390/mapadelocalizacao/monteiro/>

Figura 2 - Cidades circunvizinhas de Monteiro - PB



Fonte: <http://g1.globo.com/pb/paraiba/apuracao/monteiro.html>

⁷ Os dados em questão foram retirados do site da Prefeitura Municipal de Monteiro, disponível em: <<https://www.monteiro.pb.gov.br/portal/a-cidade/aspectos-gerais>>. Acesso em: 18 de Abr. 2021.

Sendo assim, Monteiro é rodeada por cidades circunvizinhas, que acabam muitas vezes fazendo determinadas ligações, haja vista que o município é considerado polo comercial da região do Cariri, sob a perspectiva dos moradores, o que contribui para o deslocamento de muitos paraibanos a cidade. Ainda nesse sentido, destaca-se que o município possui uma forte cultura relacionada a caprinos e ovinos, sendo estas umas das maiores fontes de renda da cidade.

Nos últimos anos, algumas ações governamentais vêm sendo tomadas relacionadas ao comércio da cidade, no sentido de firmar parcerias para superar as dificuldades existentes e desenvolver uma produção ainda maior e mais sustentável no que se refere à produção de carne e de produtos derivados da ovinocaprinocultura, visando assim tornar Monteiro um polo de referência e a maior cidade na exportação de carne caprina do Nordeste. Algo que sem dúvidas colabora muito no que diz respeito ao reconhecimento da cidade como polo de referência comercial do cariri, contribuindo também para a economia do município⁸.

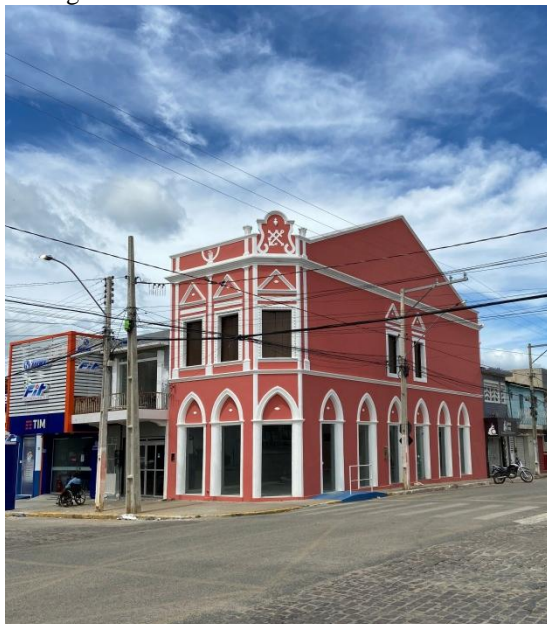
Monteiro, porém, não se desenvolve somente ao redor da ovinocultura e da caprinocultura, é preciso destacar que a cidade possui um comércio diversificado e plural. Fato que rende destaque e visibilidade em torno do município. É por isso que se torna importante entender o funcionamento comercial, pois é a partir dele e por ele que as manifestações culturais do município são perpetuadas. Sendo essas manifestações fartas e múltiplas. Como é o caso, por exemplo, do ofício da renda renascença, essa prática consiste na fabricação de uma espécie de bordado muito delicado que se difundiu no Brasil há muitos séculos atrás, durante as migrações europeias, perpetuadas especialmente por mulheres nordestinas que passaram a prática de geração em geração.

Monteiro atualmente, e através da ação do governo do estado da Paraíba juntamente a prefeitura municipal, é a sede do Centro de Referência do Artesanato, sendo destaque no ofício da renda renascença. Esse espaço que começou a ser construído em 2020 e possui suas obras em andamento, inclusive em um prédio histórico localizado no centro da cidade, o que possibilitará uma melhor visibilidade, chamando assim a atenção dos moradores e turistas tanto pelo espaço quanto pelos produtos que ali serão expostos, será de extrema importância para as mais de quatro mil rendeiras do cariri, pois fornecerá melhores condições de trabalho, além de expor e aumentar a comercialização das rendas, fortalecendo essas práticas e contri-

⁸ Informações a respeito das parcerias firmadas pelo município no que se refere à melhoria da cultura da ovinocaprinocultura disponível em: <<https://www.monteiro.pb.gov.br/portal/noticias/geral/monteiro-devera-ser-maior-referencia-em-caprinocultura-de-corte-do-nordeste>>. Acesso em: 18 Abr. 2021.

buindo no que se refere tanto a cultura quanto a economia do município. O centro está sendo construído em uma das principais avenidas de Monteiro como ilustra a Figura 3.

Figura 3 - Centro de referência do artesanato



Fonte: arquivo pessoal do pesquisador.

Estima-se que a renda renascença seja a principal fonte de renda para cerca de 20% das mulheres paraibanas. O que acaba configurando a importância e a identidade que a renascença possui na vida de tantas mulheres, como relatou Dona Socorrinha em entrevista concedida ao Jornal da Paraíba em matéria do dia 29 de julho de 2018:

A renda representa toda uma história, a vida de várias mulheres da nossa região, porque a grande maioria de mulheres que tem a minha idade, tudo que conseguiu foi através da renascença. Antes que tivesse esses programas sociais como bolsa família, a única fonte de renda dessas mulheres era a renda renascença. E isso garantiu para elas a sobrevivência, algumas conseguiram mobiliar a casa... A renda garantiu praticamente tudo a essas mulheres, principalmente em épocas de seca na nossa região que sabemos bem como é difícil.⁹

Esses estímulos, como os mencionados acima, preservam o trabalho de várias mulheres, bem como o legado e a tradição da renda renascença no cariri paraibano, valendo ainda mencionar, que o trabalho das rendeiras também é organizado, divulgado e guardado pela

⁹ O trecho da entrevista encontra-se disponível em: <<https://www.jornaldaparaiba.com.br/economia/renda-renascenca-e-principal-fonte-de-renda-para-20-das-mulheres-do-cariri.html>>. Acesso em: 20 de Abr. 2021

Associação dos Artesãos de Monteiro (RENASCI)¹⁰ uma associação que abrange não só ren-deiras do município de Monteiro como também de todo cariri.

Através do que foi relatado é possível perceber a importância que o comércio, associado à cultura, possui na vida de tantos cidadãos. Esse movimento está correlacionado, o que impossibilita dissociar ou enquadrar uma ordem ou mesmo uma importância, quanto ao que se refere por economia e cultura. E que nesse caso são os hábitos que regem a sociedade monteirense, relacionadas, nesse contexto, as práticas da caprinocultura, ovinocultura e da renda renascença. São, portanto, essas, algumas das práticas que geram as representações para, e nessa sociedade. Um dos movimentos a qual esse estudo compreende. Sendo assim, são através dessas representações, como aponta Chartier (1988), que a sociedade monteirense constrói seu significado, e se enquadra como referência no comércio e na cultura. Monteiro se reconhece através dessas práticas, de um comércio forte, da presença de uma cultura marcante e de uma população que se orgulha em fazer parte de 148 anos de história da conhecida “Princesa do Cariri Paraibano”.

Monteiro possui um legado de muitas décadas, o início de sua fundação pode ser datado ainda no final do século XVIII, quando Custódio Alves Martins, João Pereira de Melo e alguns fazendeiros começaram a se estabelecer na região, determinados a criar gados¹¹. Mas é somente no ano de 1800 que um fazendeiro chamado Manuel Monteiro do Nascimento e sua mulher, no intuito de criar uma capela consagrada a Nossa Senhora das dores, desmembraram de sua fazenda, que na época chamava-se Lagoa do Periperi, cerca de meia légua de terra, edificando um patrimônio que simboliza o início da fundação da cidade.

A capela foi construída dentro da propriedade dos fazendeiros e ficava a 300 metros da margem do rio do meio, devido à boa localização e por possuir uma terra muito fértil, justamente pela presença da passagem do rio pela região, por volta de 1840 algumas populações começaram a se estabelecer pelo local, o que acabou fazendo surgir um povoado que ficou conhecido como Povoação da Lagoa, substituindo a antiga denominação de Lagoa do Periperi.

Mas alguns anos depois, a localização passou a ser conhecida como Alagoa do Monteiro e em 1865, segundo dados retirados do site da prefeitura municipal de Monteiro, recebeu oficialmente o título de distrito de Alagoa do Monteiro criado pela Lei Provincial nº. 194, de

¹⁰ Para mais informações sobre a associação de Artesãos de Monteiro consultar: <<https://www.artesol.org.br/renasci>>. Acesso em: 20 de abr. 2021.

¹¹ Informações encontradas em documento do acervo da Biblioteca Pública Municipal de Monteiro. Acessado em: 04 de maio 2021.

4 de setembro de 1865. O então distrito, pertencente à cidade de São João do Cariri, recebeu o título de Alagoa do Monteiro, justamente por um de seus considerados fundadores, como citado, chamar-se Manuel Monteiro, por isso a homenagem.

Pouco tempo depois ocorreu outra modificação, pois por meio da Lei nº 457, de 28 de junho de 1872¹², o distrito tornou-se município e passou a ser denominado apenas de Monteiro¹³, recebendo foros de cidade e se desmembrando de Villa Real de São João do Cariri. O fato é que a partir daí a cidade começou a se desenvolver cada vez mais se erguendo, sobretudo às margens do Rio Paraíba¹⁴, que na época era conhecido como rio do meio. Esse fato acabou favorecendo o desenvolvimento da agricultura bem como da criação de animais, atraindo mais pessoas para a cidade e possibilitando seu crescimento.

Atualmente o município de Monteiro, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), possui uma área equivalente a 986.370km² o que classifica o município como o maior do estado da Paraíba, e, ainda segundo IBGE, no último censo realizado em 2010 a cidade possuía uma população de 30.852 habitantes, porém estima-se que a população no ano de 2020 subiu para 33.433 habitantes.

Para além de uma extensão territorial considerada como a maior do estado da Paraíba, Monteiro se configura como grande em diversos aspectos e características, além do comércio e das práticas agrárias, o município também acaba se consolidando como cidade-polo no que se refere ao ensino e a educação superior, justamente por possuir duas grandes instituições públicas que mudaram a dinâmica da cidade.

Em 28 de agosto de 2006 o campus VI da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) foi inaugurado, com cursos acadêmicos nas modalidades de licenciatura e bacharelado, sendo esse primeiro nas áreas de língua portuguesa, espanhola e matemática; e o segundo com o curso de ciências contábeis. O então Centro de Ciências Humanas e Exatas (CCHE) leva o nome de um importante e grande artista do município, o poeta e repentista Pinto do Monteiro,

¹² Dados retirados do site da Prefeitura Municipal disponível em: <<https://www.monteiro.pb.gov.br/portal/cidade/aspectos-gerais>>. Acesso em: 04 de maio 2021.

¹³ É preciso destacar que quanto ao último e atual nome que a cidade recebeu, existem algumas divergências, pois no site da prefeitura municipal consta que a cidade passou a ser chamada de Monteiro em 1872, mas em um mapa cultural encontrado no acervo da Biblioteca Municipal do município, somente a partir de 1939 o nome do município figurou-se como Monteiro.

¹⁴ O Rio Paraíba, antigamente nomeado de rio do meio, foi muito importante para o desenvolvimento da cidade, como também da Paraíba, pois tem sua nascente na Serra do Jabitacá no município de Monteiro e deságua no Oceano Atlântico, na região de João Pessoa. Dessa forma o curso do rio contempla diversas cidades do estado. Atualmente as águas da Transposição do Rio São Francisco desembocam no leito do Rio Paraíba e segue para outras cidades da Paraíba pelo seu leito, abastecendo e melhorando a qualidade da água de muitos municípios.

nome de valor e grandeza para a sociedade monteirense no que se refere à poesia e ao repente¹⁵.

Alguns anos mais tarde, por volta do ano de 2009, outra instituição pública foi implantada no município de Monteiro, dessa vez sendo o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB). O campus inaugurado em Monteiro teve seu funcionamento autorizado pela Portaria nº 04, de 06 de janeiro de 2009, segundo dados retirados da própria instituição, começando a funcionar definitivamente desde 14 de março de 2011 com cursos técnicos nas áreas de Manutenção e Suporte em Informática, Instrumento Musical e Edificações, esses associados ao Ensino Médio; e cursos superiores também nas áreas referidas, bem como na área de Análise e Desenvolvimento de Sistemas e Construção de Edifícios. Integrando a educação no município e fomentando a democratização do conhecimento¹⁶.

Os campus universitários do IFPB e da Universidade Estadual da Paraíba, contribuíram muito para o engrandecimento de Monteiro, tendo em conta que mudaram o desenvolvimento socioeconômico do município, pois através da implantação dos cursos geraram novos empregos, atraindo novos moradores para cidade e gerando novas oportunidades para os cidadãos tanto de Monteiro como de outras regiões, com certeza modificando e agregando no que se refere a economia, na educação e na cultura.

3.2 O valor do Poeta Pinto do Monteiro

A escolha do nome do campus VI da UEPB em homenagem ao poeta Pinto do Monteiro, absolutamente mostra a ligação da terra com a cultura popular, considerando que Pinto do Monteiro foi muito importante para a História da cidade. E a homenagem, mais que merecida, exalta o reconhecimento e o valor que a cultura possui nesse espaço. Severino Lourenço da Silva Pinto, conhecido como Pinto do Monteiro, nasceu no município paraibano já mencionado, e por isso recebeu determinado apelido, pela relação entre o poeta e sua cidade, como aponta Silva (2009) em obra relacionada à vida e poesia do artista. Destacando ainda, que a trajetória de um dos maiores repentistas, poetas e cantadores do nordeste é de grande importância.

¹⁵ Mais sobre a inauguração do campus VI da Universidade Estadual da Paraíba disponível em: <<https://www.uepb.edu.br/universidade-estadual-da-paraiba-celebra-12-anos-de-fundacao-dos-campus-de-joao-pessoa-monteiro-e-patos/>>. Acesso em: 04 de maio 2021.

¹⁶ Outras informações sobre a instituição podem ser encontradas através do site: <<http://editor.ifpb.edu.br/campi/monteiro/campus-de-monteiro-1/campus-de-monteiro>>. Acesso em: 04 de maio 2021

O poeta trabalhou como vaqueiro, vendedor, auxiliar, soldado, sendo determinado e autônomo, desafiando e se esquivando daquilo que não considerava justo. E foi assim que decidiu seguir por longos anos o ofício de repentista, “foi nessa profissão que ele encontrou o prazer de viver através dos desafios poéticos em forma de sextilhas, décimas, quadrões e galopes, enfim, da métrica e rima que soube desenvolver com maestria” (SILVA, 2009, p. 58).

Pinto do Monteiro se dedicou a cantar repente, a fazer poesia, e mostrar seu talento pelo mundo afora, percorreu o país fazendo aquilo que mais lhe dava prazer, se dedicou, brincou e duelou, já que a arte do repente consiste neste movimento de alternar, ou duelar, como costumam chamar os repentistas. Tornando-se lendário naquilo que se propôs a fazer. Deixando assim saudade dos raros versos que cantou, como é o caso do poema “Essa Palavra Saudade”, do então repentista, que retrata a saudade e acalenta o coração, citado na obra de Silva (2009, p. 142):

Essa palavra saudade
 Conheço desde criança
 Saudade de amor ausente
 Não é saudade é lembrança
 Saudade só é saudade
 Quando morre a esperança.

Saudade é tudo é nada
 Saudade é como perfume
 Eu só comparo a saudade
 Com o peso do ciúme
 Que a gente carrega o fardo
 Mas não conhece o volume.

Severino Lourenço da Silva Pinto agregou, na verdade agrega muito valor na história de Monteiro e conseqüentemente do Nordeste, e contribuiu através do seu talento em versar e poetizar para a divulgação da cultura popular por diversas regiões, levando com o ele o nome da sua cidade natal, do repente e de suas poesias, através de versos que continham sentimento, emoção, sagacidade, intensidade, e claro, muito improvisado, por vezes ultrapassando até o limite do racional. (SILVA, 2009). Faleceu no ano de 1990, porém seu legado é lembrado até os dias atuais, e manifestou em seu estilo a essência da cultura popular nordestina, encantando em prosa e verso, frase essa “Cidade que Encanta em Prosa e Verso” que por anos foi lema da cidade de Monteiro – PB, mas que continua sendo lembrada e reproduzida pelos monteirenses, assim como a história do poeta.

A homenagem do campus VI da Universidade Estadual da Paraíba ao poeta Pinto do Monteiro, demonstra a essência da Música e da Poesia que habitam na cidade, cidade essa que é considerada por sua população, e que se orgulham de propagar, berço de grandes artistas,

tais como Pinto do Monteiro, e tantos outros que merecem menção e serão citados no decorrer do capítulo.

3.3 Monteiro – PB: cidade de cultura e berço de artistas

A cultura, a poesia e a música estão ligadas com todos os setores da sociedade monteirense, presentes em cada lugar, nos prédios, no comércio, nas ruas, nas escolas, nas praças, não há como negar que a cidade respira cultura. Seus moradores orgulham-se da terra que nasceram, da cultura que respiram e da beleza dessa terra por eles tão querida, como sugere o trecho da canção “Monteiro Amor Primeiro” lançada em 2012 pelo compositor monteirense Ilmar Cavalcante:

Cidade que respira verso e melodia
Princesa tão bonita do meu Cariri
És terra abençoada e meu paradeiro
Eu te amo meu Monteiro você mora aqui [...] ¹⁷

Ilmar Cavalcante é um compositor nascido na capital João Pessoa, mas morador desde a infância da cidade de Monteiro, onde se encontra até os dias atuais. O compositor teve seus primeiros contatos com a música através da admiração de seu pai pelo estilo tradicional, embalado principalmente pelo ritmo do forró. Foi logo na juventude que começou a escrever suas primeiras composições e que alguns anos mais tarde foram gravadas por artistas reconhecidos em grande parte do Nordeste e que carregam o valor e a importância do forró, a exemplo dos cantores monteirenses: Flávio José, Nanado Alves, Novinho da Paraíba, Dejinha de Monteiro, Osmando Silva, como também teve suas músicas gravadas pela Banda Magníficos, cuja formação se deu na cidade de Monteiro. Talvez por isso, e pelo sentimento de gratidão escreveu a canção “Monteiro Amor Primeiro”, demonstrando a afeição pelo município e pelos artistas da terra, como pode ser observado neste segundo trecho que diz o seguinte:

Tem Flávio um caboclo inteligente
Um Dejinha envolvente
Gente boa que chegou
Nanado com Ilmar é parceria
Vem Osmando com alegria
Para cantar o seu amor
Um Pinto declamando no terreiro.

Angico amor primeiro

¹⁷ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KEEc1317Kxk>>. Acesso em: 05 de maio 2021.

Amadeu da Matarina
 Vaqueiro que derruba boi no ato
 Que não tem medo do mato
 Se derrete com a menina
 Lembrança para quem está distante
 E não tem quem não se encante
 Que beleza Nordestina.¹⁸

A canção publicada por volta do ano de 2012 foi gravada por alguns artistas da terra e retrata o amor sentido por Monteiro, no trecho acima pode ser observado nomes de destaque tanto dentro como fora da cidade, a exemplo dos já mencionados. Além disso, é possível perceber ainda no trecho em questão, aspectos correspondentes às práticas perpetuadas na sociedade monteirense, como a “pega de boi” que gera a representação de valentia, através da ideia do “vaqueiro que não tem medo do mato”, ou seja, a representação de um homem forte e viril, mas também que se apaixona fácil, como fica subentendido a partir do verso seguinte: “se derrete com a menina”. Os versos finais se referem a Monteiro como um lugar que gera saudade e que encanta a todos, comparando implicitamente a beleza do lugar há algo muito grande, de tamanho “nordestino”, através da metáfora “Que Beleza Nordestina”.

A música torna-se um objeto importante nesse estudo por possibilitar que se compreendam através dela aspectos relacionados à cidade, dessa forma é possível perceber a presença e importância que a música, bem como a cultura, ocupa na sociedade. A composição “Monteiro Amor Primeiro” carrega em cada verso um pouco da história de Monteiro, e ao longo da canção mais detalhes são revelados sobre o município, como ainda é possível perceber nas estrofes seguintes:

Uma cela no capricho em seu Joca
 A grande Zabé da Loca
 Que esse Brasil já conhece
 Saudade do grande Firmo Batista
 Eita terra de artista
 De Abelardo não se esquece
 A padroeira é Nossa Senhora
 Eudimar o povo adora
 Que beleza de Matriz.

Tem Jansen que é um filho altaneiro
 Magníficos de Monteiro
 Fazendo o povo feliz
 Se quer fazer amigo verdadeiro
 Passe o dia em Monteiro
 E depois você me diz.

¹⁸ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KEEc1317Kxk>>. Acesso em: 05 de maio 2021.

O trecho carrega nomes de personalidades importantes da cidade de Monteiro, cuja história e lembrança ainda se fazem marcante na memória da população, conservados agora através da música. O trecho começa lembrando Seu Joca, hoje falecido, mas que permanece recordado na memória dos monteirenses, foi um grande trabalhador no que se refere ao manuseio do couro, fazia celas e outros utensílios a partir dessa matéria-prima. Zabé da Loca é impossível não lembrá-la quando se referir a Monteiro, conhecida nacionalmente, como referência o terceiro verso da primeira estrofe, foi uma mulher muito importante para História e cultura da cidade, tocava pífano como ninguém, tanto que recebeu o título de “Rainha do Pífano” e sua história merece e será referenciada nas próximas linhas deste trabalho, sem tirar a importância dos demais. Firmo Batista e Abelardo, são outros dois nomes relacionados à poesia, conhecidos por também contribuírem na popularização da poesia na cidade, sendo esse primeiro além de poeta, repentista. Eudimar Raposo foi um nome de peso na história de Monteiro, eternizou o hino da padroeira do município em sua voz, era locutor, cantor e um excelente homem, cujo legado é lembrado até os dias atuais, e sua voz continua sendo reproduzida e eternizada no hino a Nossa Senhora das Dores.

O primeiro verso da segunda estrofe remete-se ao poeta e escritor Jansen Filho, filho da terra e como o próprio verso sugere, altaneiro, um homem que voou longe, e que contribuiu muito não só para cidade, mas para cultura em si. Deixou obras relacionadas à poesia e diversas obras literárias, um verdadeiro homem das letras, recebeu vários títulos honrosos, entre eles o título de Cidadão Honorário da Cidade de São José dos Campos; Membro Benemérito da Academia de Letras da Faculdade de Direito da Universidade Mackenzie, de São Paulo; Troféu da Academia Paraibana de Poesia, de João Pessoa; homenageado com a criação do Grêmio Literário Jansen Filho, do Lyceu Paraibano, entre outros¹⁹. Além disso, o Teatro Municipal Jansen Filho localizado na cidade de Monteiro leva seu nome em homenagem aos serviços prestados à cidade no que se refere à cultura literária e educação. Cada verso da música carrega memórias e sentimentos que falam por si, e nas linhas finais da segunda estrofe o compositor menciona a importância de um grupo de grande representativa para cultura de Monteiro, a Banda Magníficos, formada no município.

Monteiro naturalmente é sinônimo de acolhimento, alegria e animação, o calendário da cidade é marcado por festas típicas tradicionais o ano inteiro, a exemplo do Festival de Cultura Popular Zabé da Loca, do Forró Leluia na semana Santa, do São João, da Festa da

¹⁹ Os títulos em homenagem ao legado de Jansen Filho encontram-se disponível em: <<http://novo.aplpb.com.br/academia/academicos/cadeiras-11-a-20/174-n-14-1-sucessor-jansen-filho?highlight=WyJqYW5zZW4iLCJmaWxobyIsImphbnNlbiBmaWxobyJd>>. Acesso em: 05 de maio 2021.

Padroeira, do Forró das Antigas, do Encontro de Motociclistas do Cariri Paraibano (EMO-CAP), da Festa dos caminhoneiros, e dos inúmeros eventos que surgem ao longo do ano. Mas uma coisa é certa, cada evento é marcado por muito forró, música boa, homenagens, artistas da terra e alegria, o povo é acolhedor e do morador ao turista o encanto é o mesmo, então “se quer fazer amigo verdadeiro, passe o dia em Monteiro e depois você me diz” como sugere o último verso, do trecho acima da música “Monteiro Amor Primeiro”.

O forró é presença fixa no município de Monteiro, é uma das manifestações culturais mais vivas da cidade, levando principalmente em conta os eventos mencionados acima, por exemplo, que em sua grande maioria são embalados pelo ritmo e por cantores do gênero. Monteiro é associado a nomes de peso no que se refere ao forró, como os que já foram referenciados anteriormente e outros que ainda merecem menção, tais como: Adma Andrade, vocalista da banda Limão com Mel, Walkyria Santos e Neno, que por longos anos integraram a Banda Magníficos, e que associados às dinâmicas perpetuadas pela cidade apenas somaram no que diz respeito à cultura e conseqüentemente reconhecimento do município, levando com eles o nome de Monteiro para além do Cariri Paraibano.

3.4 A Grande Zabé da Loca

Como foi manifestado nas páginas anteriores deste capítulo, Monteiro carrega nomes de artistas importantes em seu seio, não menos importante que outros nomes que já foram levantados, é necessário mencionar a importância de uma grande artista no que se refere à representação e valorização da cultura no município: a grande Zabé da Loca.

Isabel Marques da Silva, conhecida artisticamente como Zabé da Loca, hoje falecida, ficou conhecida por tocar um tipo de instrumento de sopro denominado como pífano, para além da arte que aprendeu e executou tão bem, a “pifeira” residiu por longos anos na zona rural de Monteiro e seu apelido deriva justamente do lugar onde viveu por mais de 25 anos com seus filhos como aponta Rafael (2011), que nesse caso seria uma espécie de caverna de pedra onde em diversas regiões recebe o nome de “loca”. Seu nome, sua história e o som de sua música é “bonito todo” como se vê na Figura 4, e carregam marcas de uma mulher batalhadora, de força e resistência.

Figura 4 - Recorte de jornal sobre Zabé da Loca.



Fonte: arquivo da biblioteca pública municipal de Monteiro.

O talento de Zabé foi descoberto quando a pifeira tinha 79 anos e ainda morava em sua “loca”. Foi através do Projeto Dom Helder Câmara, uma ação do Ministério do Desenvolvimento Agrário que a vida da “monteirense” começou a mudar, a pifeira passou a ganhar maior visibilidade e no auge dos seus 85 anos recebeu o prêmio revelação da Música Popular Brasil no ano de 2009, prêmio que revelou o talento dessa importante artista para todo o Brasil. A partir de então Zabé da Loca ganhou destaque e colecionou algumas viagens que mudaram o rumo da sua vida, como contou com humor ao Globo Rural, em reportagem no ano de 2010:

“São Paulo, Brasília, Rio de Janeiro, Recife, Garanhuns, pode me perguntar por esses cantos tudin, que eu dou notícia de tudin.”²⁰

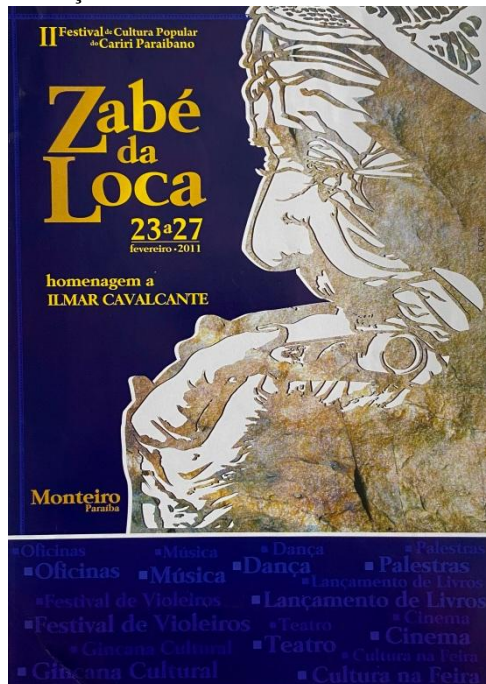
A Rainha do Pífano como ficou conhecida devido ao seu talento em manusear o Pífano, representa grande importância para cultura nordestina, e com a visibilidade que conquistou após o prêmio revelação de 2009, ganhou destaque no cenário nacional e fortificou a presença da cultura em Monteiro. Cujo nome ainda é destaque no Festival de Cultura Popular do Cariri Paraibano Zabé da Loca, criado em homenagem a pifeira, e que tem como intuito principal valorizar e preservar a cultura popular, através de homenagens aos artistas da terra, divulgando e incentivando a cultura local.

A primeira edição do evento homenageou a própria Zabé da Loca, que carrega o nome do festival. Nos anos seguintes artistas como Ilmar Cavalcante, Dejinha de Monteiro, Walqyria Santos, também tiveram espaço no evento e foram homenageados. O festival acontece há mais de 10 anos, e atualmente encontra-se em sua décima primeira edição. No último en-

²⁰ Trecho da entrevista concedida por Zabé da Loca ao Programa Globo Rural, exibida em 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2B17Jnn2XJE>>. Acesso em 06 de maio 2021.

contro, no ano de 2020 homenageou a cantora e filha da terra Adma Andrade, outro nome já mencionado neste trabalho, que carrega talento e sangue monteirense em suas veias, mais uma artista do município paraibano que vem ganhando destaque pelo Brasil, atualmente é vocalista da Banda Limão com Mel, e participou da última edição do programa The Voice Brasil, em 2020, onde fez questão de exaltar o nome da sua terra com alegria e fervor.

Figura 5 - Banner de uma das primeiras edições do Festival Cult. Zabé da Loca



Fonte: arquivo da biblioteca municipal.

Figura 6 - Banner da última edição do festival de cult. Zabé da Loca



Fonte: arquivo da prefeitura municipal.

O Festival de Cultura Popular do Cariri Paraibano Zabé da Loca cresceu e mudou muito, como até pela evolução dos banners das Figuras 5 e 6 é possível notar, e vem sendo realizado com sucesso. Sendo uma prática cultural da cidade, que interligada a interesses sociais como também econômicos, ocorre entre dois e três dias na cidade de Monteiro - PB e conta com oficinas de músicas, feiras, exposições, tendas e shows durante a noite, agregando valor para a cultura, incentivando o comércio e gerando economia para cidade. Haja vista que o festival movimentava a cidade, recebe diversos turistas e garante a rotatividade da economia no município, principalmente com a venda de produtos durante o festival. Sendo essa mais uma prática que fomenta a representação de Monteiro como “Cidade Forró”.

Porém, o Festival de Cultura Popular Zabé da Loca é apenas um dos grandes atrativos que complementam o calendário de festas da cidade de Monteiro, pois como já foi mostrado, as festas que animam os monteirenses e que em sua maioria são embaladas pelo forró são

marcas registradas durante o ano inteiro. Como é o caso do São João, uma festa típica tradicional que ocorre em várias regiões do Brasil, e que Monteiro não fica de fora.

3.5 1997 – 2019: Gestões Monteirenses e o incentivo a cultura

Desde 1928 Monteiro já passou pela administração de 26 interventores, fala-se interventores para que se entenda que no início da República Federativa do Brasil os prefeitos eram nomeados por chefes de estado, ou seja, não eram eleitos democraticamente, condição que só veio mudar a partir da segunda metade do século XX. Mas o que importa nesse momento é atentar-se para a administração dos quatro últimos governantes do município, eleitos democraticamente, pois foi através da ação administrativa deles que as práticas culturais em Monteiro, como o Festival de Cultura Zabé da Loca e o São João, se solidificaram e ganharam espaço no território monteirense, contribuindo para o destaque na cidade.

Figura 7 - Quadro com os interventores e prefeitos de Monteiro



Fonte: arquivo do museu histórico de Monteiro

O início do que veio a ser uma das maiores tradições da cidade de Monteiro, teve seus primeiros passos dados a partir de 1997, no primeiro mandato do prefeito eleito Carlos Batinga (1997/2000 - 2001/2004), foi na gestão de Batinga que se iniciou uma tradição que perma-

nece viva até os dias atuais, a tradição junina. Como afirma Rafael (2011) foi no ano de 1998 que de fato se consolidou as festividades do mês de junho, fato que é relatado pelos próprios moradores do município como uma grande mudança para o espaço, haja vista que devido à introdução de cantores como Flávio José e Magníficos na programação das festividades a cidade começou a atrair muitos cidadãos para o local e a festa começou a crescer.

O que inicialmente podia ser considerado uma festa tradicional local, passou a se expandir cada vez mais com a ampliação das festas e, portanto, da valorização cultural. Como aponta Rafael (2011) foi durante a gestão de Carlos Batinga que se iniciou um projeto de expansão utilizando-se do São João para promover visibilidade para a cidade. O então prefeito através do “desenvolvimento” das festividades investiu na divulgação de Monteiro como uma cidade de cultura. Para isso, como ainda destaca Rafael (2011) foi utilizado algumas estratégias, a exemplo da introdução de artistas e bandas que estavam ganhando destaque nacional, como já mencionado, na tentativa de projetar a cidade nas mídias para ganhar mais espaço midiático e gerar uma monumentalização do São João. (CERTEAU apud RAFAEL, 2011). Algo que foi se perpetuando até os dias atuais, e contribuiu para a representação de Monteiro como “Cidade Forró”, slogan que foi inclusive utilizado pelo gestor para representar a cidade e continua sendo perpetuado.

Figura 8 - Folheto de programação do São João de 1997

Rio Grande do Norte
João Pessoa
Campina Grande
Monteiro
Pernambuco

Monteiro é conhecida por todo mundo pela sua hospitalidade, cortesia, beleza e pela poesia de seu povo. Cidade Princesa do Cariri, Monteiro está na divisa da Paraíba com Pernambuco, distante 301 km da capital João Pessoa e 360 km de Recife e a apenas 172 km de Campina Grande.

Monteiro é atendida por linhas regulares de ônibus saindo de João Pessoa e Campina Grande(Real), Recife, Caruaru e Arcoverde (Progresso). As principais vias de acesso a Monteiro são as rodovias BR-412, BR-110, PB-262 e PB-264.

Prefeitura de Monteiro
Governo de Ação

Para maiores informações ligue (083)-351.2396.

Pousada Poemas
unimed
ALEIXO FERRAGENS
BRAHMA
Posto Bela Vista

Cidade da
de
A melhor do Cariri
1992-1993-1994-1995-1996-1997

O Melhor São João da Nossa Terra

1º a 28 de Junho/97

Prefeitura de Monteiro
Governo de Ação

Fonte: arquivo da biblioteca municipal de Monteiro.

A representação, conceito abordado por Chartier (1988), exige uma presença, e que no caso deste estudo refere-se à cultura, é através dela que Monteiro se apresenta como uma ci-

dade de destaque no tocante a cultura, para isso vem fomentando ações, a que se pode também entender como práticas, para o incentivo, valorização e aprimoramento de eventos que tange o setor cultural. É por isso que o conceito de práticas e representações é interdependente nesse caso, pois um está relacionado ao outro, e não existe sem o outro.

As representações do mundo social, conceito que vem sendo levantado como ponto chave para entender o papel da cultura com Monteiro, seriam como apontam os teóricos da História Cultural, tais como Pesavento (2012) e Chartier (1988), determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam. Então no caso deste estudo, são as ações que começaram a se desenvolver a partir de 1997 e que são relacionadas com a cultura, e “forjadas” pelos governantes da cidade, que refletem o valor cultural existente em Monteiro e sua relação com o forró, e, portanto, com a música, a poesia e o repente. Exponentes para um dos títulos que a cidade carrega, de “Cidade Cultura”.

No ano de 1998, Monteiro contava com uma programação diversa e animada para realização de atividades relacionadas ao turismo e a cultura, essas atividades e pontos turísticos que por sinal ainda estão em funcionamento – embora alguns tenham sido desativados – são levados em consideração pelo ano em questão se tratar do início do incentivo a cultura em Monteiro, o que mostra o enfoque no sentido de valorização da cidade, já que se trata de um ano de importância no projeto de visibilidade para Monteiro. Entre os pontos sugeridos a visitação e exploração turística, têm-se: a visita ao açude público, aos casarões antigos, a fonte magnesiana²¹, a serra do Jabitacá (onde se encontra a nascente do Rio Paraíba), as fazendas, a Praça João Pessoa, os parques de vaquejada (Chutão, Sovam, Parque Maria da Silva e Parque José Galvão), o clube municipal, teatro, a quadra poliesportiva do Colégio das Lourdinhas, entre outros²².

Entre as indicações sugeridas no Mapa Cultural de Monteiro, destaca-se a manifestação cultural de maior evidência do período, o São João. Que em 1998 teve como título “O melhor São João da Nossa Terra” e cuja programação contava com concurso de quadrilhas,

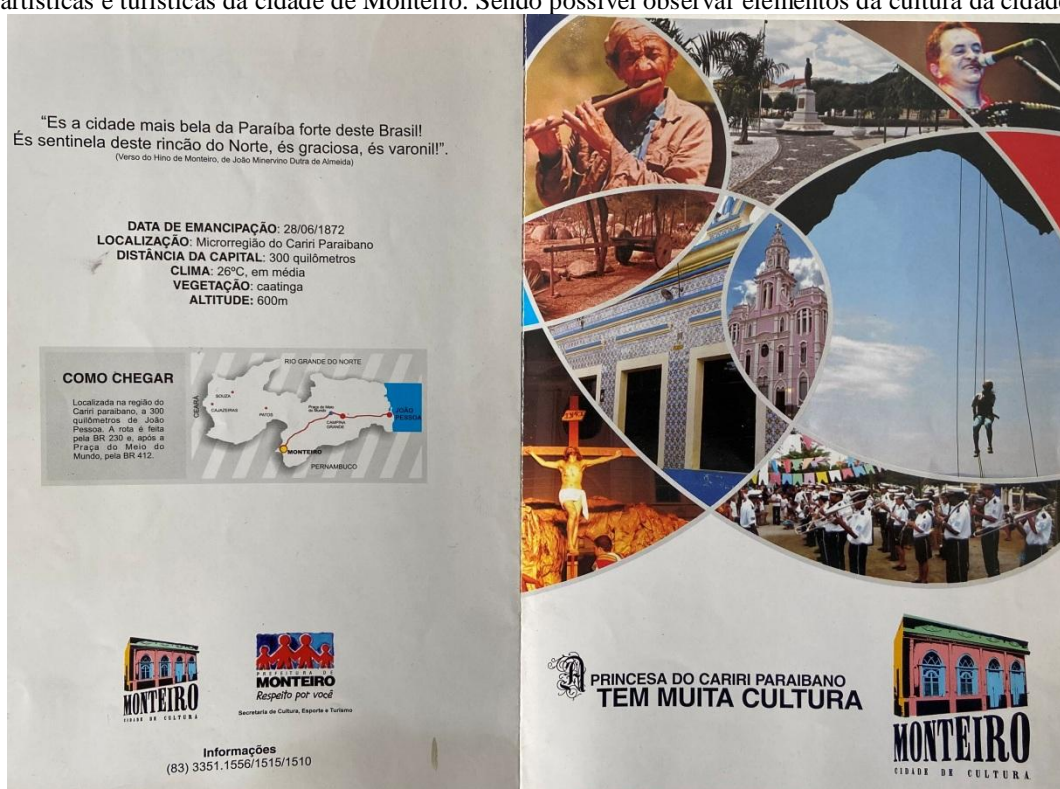
²¹ Durante muitos anos, especialmente os anos finais do século XX, a cidade de Monteiro ficou muito conhecida. Isso porque foi descoberto durante a década de 1930 um poço contendo uma água extremamente rica em magnésio, e constatou-se a eficácia da utilização da água em tratamentos de tuberculose e de doenças gástricas, era a chamada água magnesiana, o que acabou atraindo muitos turistas para a cidade em busca da cura. Ler o trabalho de RAFAEL, Eusilene Maria. A Representação midiática de Monteiro como “Cidade de Cultura”: Identidade e Patrimônio Cultural. Maria Lindaci. 2011. 72 f. TCC (Graduação) – Curso de História, Departamento de História, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2011. Disponível em: <<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/2491/1/PDF%20-%20Eusilene%20Maria%20Rafael.pdf>>.

²² Dados pesquisados e retirados do Mapa Cultural de 1998 da cidade de Monteiro, acervo da Biblioteca Municipal, acessado em: 04 de maio 2021.

vaquejada, grupos de dança (coco de roda, xaxado e outros), festival de sanfoneiros, gincanas, forró pé-de-serra, shows de bandas eletrônicas e bazar junino de artesanato e comidas típicas. Essas foram algumas das manifestações do período junino de 1998 da cidade de Monteiro, que desde esse período possui uma duração de quase 30 dias de festejos.

Atualmente Monteiro possui uma tradição junina consolidada, o São João que teve seus primeiros passos dados entre 1997 e 1998 para se constituir como uma festa anual e de grandes proporções durante a gestão de Carlos Batinga, continuou sendo preservado nos anos que se seguiram. A sua sucessora, Maria de Lourdes Aragão Cordeiro (2005 - 2008) manteve o trabalho de incentivo à cultura e ao patrimônio local através de ações que fomentaram o incentivo e a divulgação do nome da cidade na mídia, entre essas ações Rafael (2011) aponta a criação da Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo em 2005, que representou uma mudança significativa no que diz respeito ao trabalho com a cultura, haja vista que houve um maior investimento no setor cultural; e a adoção do slogan “Cidade de Cultura” reforçando a representação que circunda o município, estampado no canto inferior esquerdo da Figura 9.

Figura 9 - Folheto do período da gestão Lourdinha Aragão, destacando algumas programações culturais, artísticas e turísticas da cidade de Monteiro. Sendo possível observar elementos da cultura da cidade.



Fonte: arquivo da biblioteca municipal de Monteiro.

Essa segunda administração da cidade no período que diz respeito à temporalidade entendida entre 1997 - 2019, da prefeita Lourdinha Aragão como era mais conhecida, continuou

promovendo e estimulando práticas relacionadas à cultura, com promoção de eventos referentes às artes, à música, ao São João e ao carnaval. E por falar em carnaval, deve-se acrescentar que Monteiro já foi palco de muitos arrastões e possuía, embora hoje não mais, uma tradição cultural carnavalesca muito forte, atraindo diversos foliões para as ruas.

O carnaval em Monteiro iniciava-se na semana que antecede a semana propriamente dita de carnaval, na semana pré-carnavalesca a programação da cidade contava com programas noturnos nas rádios, que no início dos anos 2000 eram duas: Rádio Santa Maria - AM e Rádio Imprensa FM; com os ensaios da Banda Filarmónica Municipal e com os Gritos de Carnaval realizados nos clubes da cidade. Durante os festejos carnavalescos Monteiro contava com alguns clubes tradicionais, como a Sociedade Carnavalesca Os Pirilampos, que tinha como presidente o senhor José Maracajá; O clube dos 30, que como o próprio nome sugere era formado por trinta sócios; o Clube Recreativo; e o Aeroclube. Sendo esses, responsáveis por animar o antigo carnaval monteirense, que ainda contava com programações diurnas como as matinês, os banhos públicos, o “mela-mela”, os blocos carnavalescos, as saídas dos “papangus”, e os bailes de carnaval que eram realizados à noite no Clube Municipal da cidade. Atualmente Monteiro não possui mais tradição carnavalesca, e durante os feriados às famílias costumam viajar para o litoral e assim aproveitar os festejos da data longe da cidade²³.

Mas enquanto algumas festas tradicionais foram se tornando escassas no município de Monteiro, a exemplo do Carnaval Monteirense, outras foram sendo cada vez mais incentivadas e consolidadas, como símbolo do patrimônio cultural, como é o caso do Festival de Cultura Zabé da Loca e do São João.

Ambas as festas mencionadas acima continuaram recebendo incentivo da população e do governo, e seguiram sendo perpetuadas pelas gestões futuras como no caso da administração de Ednacé Alves Silvestre Henrique (2009/2012 - 2013/2016), a prefeita foi eleita em 2008 e iniciou seu primeiro mandato no ano seguinte, sendo a responsável pela iniciativa do Festival de Cultura Zabé da Loca, que atualmente é um dos maiores da região no que diz respeito ao incentivo e propagação da cultura local. Além disso, como afirma Rafael (2011) foi na gestão da então prefeita que a Secretaria de Cultura se reestruturou e se desvinculou do departamento de esportes, competindo à Secretaria de Cultura e Turismo:

- I – Promover e difundir os movimentos culturais do Município;
- II – Estimular a preservação das raízes culturais da municipalidade;
- III – Estimular, de todas as formas, as manifestações de natureza artística e popular;

²³ Informações extraídas de arquivo impresso sobre o carnaval monteirense no Museu Histórico de Monteiro. Acesso em: 05 de maio 2021.

- IV – Apoiar o esporte amador e especialmente para as crianças, jovem e adulto;
- V – Destinar, excepcionalmente, recursos financeiros ao esporte profissional;
- VI – Assegurar espaços físicos destinados ao lazer;
- VII – Fazer o levantamento de prédios de natureza histórica do Município e viabilizar o seu tombamento;
- VIII – Apoiar a publicação de obras que registrem usos e costumes e toda a tradição histórica de Monteiro da Paraíba;
- IX – Enriquecer e manter atualizada a Biblioteca Pública de Monteiro;
- X – Realizar outras atividades correlatas.²⁴

Acredita-se que os itens IV e V sejam funções correspondentes a Secretaria de Esportes, porém não houve uma atualização no site da prefeitura municipal quanto a isso, por isso os itens ainda estão relacionados à secretaria de cultura. Mas o que vem ao caso é a importância dessa reestruturação, que ocasionou uma grande mudança no que diz respeito à nova estrutura da secretaria de cultura, favorecendo a administração do setor cultural, que entre suas obrigações está a de manter, preservar e divulgar o turismo e as manifestações artísticas locais. Voltando-se para a valorização cultural do município.

Os anos que se sucederam tiveram iniciativas elogiáveis e de grande valor no tocante às práticas culturais que foram estabelecidas na cidade de Monteiro, o Festival de Cultura Popular do Cariri Zabé Loca, merece novamente menção, pois é um marco que se tornou impagável para história de Monteiro, haja vista que o evento traz manifestações da cultura local e regional e carrega o nome de uma importante artista no que se refere à cultura popular, hoje se encontra em sua décima primeira edição, sendo um investimento expressivo para divulgação do festival e do município.

O Slogan adotado durante a gestão da ex-prefeita Edna Henrique é um que já foi apresentado nas páginas deste trabalho: “Cidade que Encanta em Prosa e Verso”, referência para expressar a cultura que inspira e expira em Monteiro, que marca a representação da cidade em torno da música, não só da música, mas também da poesia, do repente, da literatura, do forró, Monteiro parte de grandes manifestações e seu valor é impagável para os moradores.

Desde 2009 o São João de Monteiro vem aumentando cada vez mais, e já passaram pelos palcos montados dessa cidade cantores da terra, de prestígio regional e nacional como alguns que já foram mencionados, cantores da região, e cantores e bandas que não foram citados, mas que são reconhecidos nacionalmente, como: Zezé di Camargo e Luciano, Leonardo, Bruno e Marrone, Wesley Safadão, Márcia Felliipe, Solange Almeida, Xand e Aviões do Forró, Maiara e Maraísa, Marília Mendonça, Gustavo Lima, entre muitos outros. Somado com as

²⁴ Disponível em: <<https://www.monteiro.pb.gov.br/portal/secretarias/secretaria-de-cultura-e-turismo>>. Acesso em 07 de maio 2021.

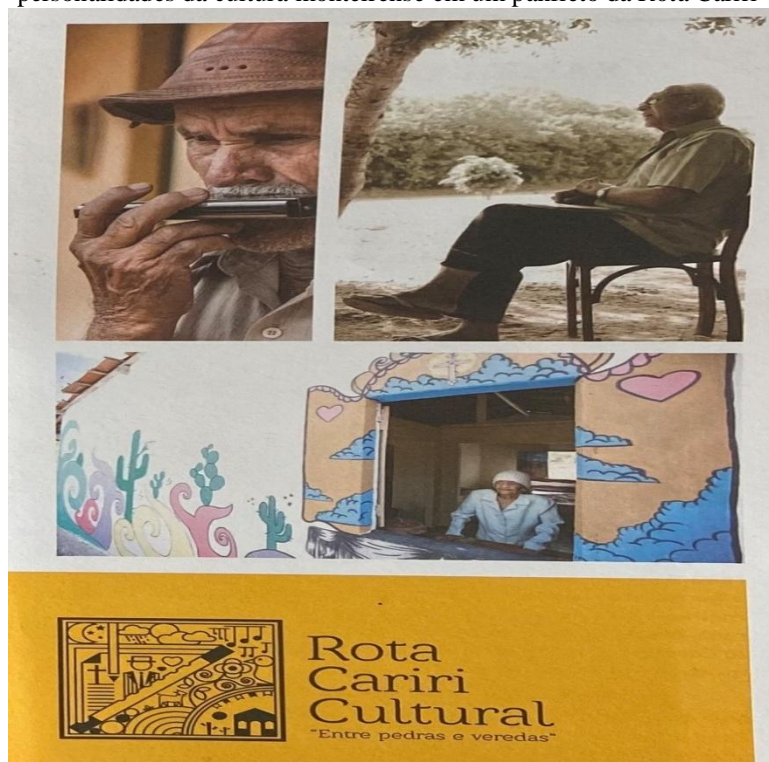
bandas e artistas da terra, as festas organizadas anualmente na cidade recebem milhares de pessoas todos os anos e movimentam a economia do município, através do turismo, do comércio, alimentação e hospedagem.

Durante a gestão da atual prefeita Anna Lorena de Farias Leite Nóbrega (2017/2020 - 2021/2024) o investimento na área do turismo e da cultura continuou com ações referentes à restauração do patrimônio histórico monteirense, incentivo ao turismo, a valorização da cultura e dos artistas da terra, para que a população conheça e preserve sua história e o visitante saiba os valores e costumes da terra. Nesse sentido, a cidade conta ainda com uma rede de apoio, a “Rota Cariri Cultural”, uma organização comunitária que tem como intuito principal incentivar o turismo da região e apresentar ao público, moradores ou visitantes, as riquezas existentes no cariri.

Entre as atividades organizadas pela equipe da rota cariri, encontram-se trilhas, camping, rapel, ecobike e passeios pelos principais pontos turísticos das cidades de Prata, Congo e Monteiro, para que o indivíduo possa se conectar com as riquezas naturais e culturais dos municípios.

Em Monteiro a rede viabiliza atividades em torno de lugares importantes para a cultura local, como a Casa de Zabé da Loca, atualmente transformada em um museu que contém e mostra um pouco da vivência dessa artista tão importante para a cultura popular; a Casa de Espedito de Mocinha que é outro ponto do roteiro, Espedito é um famoso poeta da cidade que garante envolver cada visitante com suas histórias, versos e poesias; e a casa de João de Amélia também pode ser um lugar interessante para quem deseja conhecer um mestre da cultura popular de uma dança tradicional semelhante ao coco de roda conhecida como Mazurca, uma espécie de festejo folclórico que é propagado por alguns moradores da cidade.

Figura 10 – Sr. João de Amélia, Espedito de Mocinha e Zabé da loca, personalidades da cultura monteirense em um panfleto da Rota Cariri



Fonte: arquivo da biblioteca pública municipal

Mas as opções relacionadas ao turismo da cidade não param, para além das visitas às casas de personalidades tão importantes da cultura monteirense, a programação ainda pode incluir passeios ou trilhas pela Laje das Moças, pela Laje de Maria Dolores e na Pedra dos Índios. Esses lugares podem ser caracterizados como extensos espaços rochosos, com pedras sobrepostas e cercados por uma biodiversidade incrível, além de poços de água entre as pedras e grandes folhagens verdes durante os períodos de chuva, oferecendo ao visitante a possibilidade de um maior contato com a natureza e com costumes locais. Promovendo dessa forma o fortalecimento do turismo e da cultura, mostrando seja através dos lugares onde se pode passar, da arte, do teatro, dos saraus poéticos, dos festivais musicais, da música ou de tantas outras manifestações culturais existentes, os encantos de Monteiro²⁵.

²⁵ Roteiro disponível em: <<http://rotacariricultural.com.br/monteiro/>>. Acesso em: 07 de maio 2021

Figura 11 - Laje de Maria Dolores no Sítio Santa Catarina



Fonte: arquivo da Rota Cariri Cultural

Sendo assim, a gestão de Monteiro no que compete à administração, secretaria de cultura e outros órgãos responsáveis pelo funcionamento e gerenciamento da cultura no município, nos últimos anos estão priorizando cada vez mais a valorização de aspectos relacionados ao cultural, através do incentivo e da promoção de ações no que se refere ao desenvolvimento da cultura popular em torno da cidade, ao estímulo de eventos e do reconhecimento em torno da música.

Na última edição do São João em Monteiro, no ano de 2019, a cidade recebeu a visita de milhares de pessoas, as redes de hotelaria, sendo essas pousadas, flats e casas de aluguel ocuparam sua capacidade máxima. Além disso, o comércio da cidade lucrou bastante e a movimentação nos diversos setores da sociedade, lojas de roupas, calçados, bares, pizzarias, restaurantes, farmácias, proporcionaram o aumento na renda dos comerciantes e a geração de novos empregos, estima-se que a economia nesse período gire com média de 500 a 600 mil reais no município²⁶. Haja vista que o evento tomou proporções extensas, pois houve através de uma estratégia de marketing um grande investimento na divulgação da tradicional festa que marca o calendário da cidade. As figuras 12 e 13 são dois exemplos do período de divulgação do São João de 2019:

²⁶ Dados fornecidos pela Secretaria de Cultura e Turismo de Monteiro.

Figura 12 - Contagem regressiva para o São João



Fonte: arquivo da Prefeitura Municipal

Figura 13 - Anúncio do início do São João 2019



Fonte: arquivo da Prefeitura Municipal

Através de anúncios, banners, outdoors e cartazes, nos principais meios de comunicação, em várias cidades da Paraíba, nos shoppings centers e até no Aeroporto Internacional Castro Pinto localizado na capital João Pessoa, foi possível conhecer a programação da festa junina e ser convidado para o evento, que contou com uma programação diversa como o festival de quadrilhas, dos shows realizados na praça de eventos e com o forró pé-de-serra durante as tardes que antecedem os shows principais.

O tradicional “esquenta” montado perto de uma das avenidas principais da cidade e recebeu o nome de “Sítio São Francisco”, foi uma iniciativa realizada pela atual gestão. E no espaço é possível encontrar peças de artesanato, comidas típicas, apresentações de grupos de dança da cidade e de artistas regionais, além de muito forró pé-de-serra. A proporção que o São João de Monteiro tomou nos últimos, especialmente na última edição com shows de artistas já mencionados como Wesley Safadão, Márcia Fellipe, além da valorização da cultura regional, possibilitou o reconhecimento do festejo como uma das maiores festas do Nordeste²⁷.

Como pôde ser observado o investimento na cultura em Monteiro começou a longos anos atrás, o ano de 1997 pode ser considerado um marco inicial desse investimento, pois foi a partir dele que novas práticas passaram a emergir no município e um projeto em torno da cultura começou a ser elaborado na gestão do já mencionado ex-prefeito Carlos Batinga. E

²⁷ Informações disponíveis em: <<https://www.monteiro.pb.gov.br/portal/noticias/geral/sao-joao-de-monteiro-ganha-repercussao-nacional-e-ja-e-considerado-um-dos-maiores-do-nordeste>>. Acesso em: 08 de maio 2021.

que a longos anos atrás já era manchete evidenciada “Monteiro vai investir na Cultura” publicada no jornal Correio da Paraíba:

A implantação do centro de cultura popular, com teatro, museu, galeria para exposição de artes plásticas e filmoteca, está sendo programada pelo prefeito Carlos Batinga, para o ano de 1998. O prefeito já determinou que no próximo ano será dado uma atenção toda especial às promoções culturais, e inclusive já adquiriu o prédio do antigo cine ideal, onde será instalado o Centro Cultural. Todo planejamento nesse sentido já está sendo feito, e deverão ser captados recursos junto ao Ministério da cultura e outros organismos, inclusive não governamentais. O prefeito Carlos Batinga já definiu que, como cidade-mãe de dezenas de poetas, músicos, cantores, escritores e pintores, Monteiro precisa de um espaço adequado para o desenvolvimento da cultura, e isto será feito a partir do próximo ano. (CORREIO DA PARAÍBA, 22/12/1997)

Monteiro é grande, pois se formou a partir de grandes medidas e ao redor de grandes artistas, a cultura é plural, diversa e rica, conta com nomes no que se refere à poesia, repente, literatura, música e outras manifestações. A lista é grande e sempre cabe mais um, pois não custa mencionar cada artista que por essa terra nasceu, viveu, fez história e entrou para a História. E a região do Cariri carrega e evidencia o nome dos seus filhos como prova da representação que a cultura possui na região.

Do Cariri, despontam hoje nacionalmente, artistas como Flávio José e Banda Metrópole, Banda Magníficos, Banda Percurso Musical, Novinho da Paraíba, Dejinha de Monteiro, Banda Skala, Ivan do Sax, Banda Laços de Amor, entre outras, que merecem referências, além do mais, a grande maioria das composições são de filhos da Terra, o que prova ser o Cariri um berço nato de talentos, daí a importância deste festival que será sem dúvidas o grande evento da cultura do ano. (CORREIO DA PARAÍBA, 21/01/1998)

Os festivais e shows não são manifestações apenas do tempo presente, há muitos anos eventos relacionados à cultura já se mostravam importantes e de valor para sociedade, como pôde ser observado no escrito do jornal Correio da Paraíba acima que menciona a importância da cultura e do Festival Da Canção, que é o evento em questão e tinha como objetivo revelar talentos através de composições que deveriam ser inéditas (CORREIO DA PARAÍBA, idem); e o nome de filhos de Monteiro que já possuíam, e alguns ainda possuem destaque no cenário nacional, como é o caso de Dejinha de Monteiro, Novinho da Paraíba, Flávio José e a Banda Magníficos, por exemplo.

3.6 Flávio José e a Banda Magníficos: histórias de sucesso

Flávio José o “Caboclo Sonhador” como é conhecido, é um cantor e compositor monteiroense de grande destaque e importância para a história do município, ganhou popularidade

nos anos 90 e atualmente é conhecido por todo o Brasil. Antes de ser cantor, Flávio José foi bancário até se encontrar realmente na música, mas essa sempre esteve presente em sua vida, e seu interesse começou logo cedo, na infância, como contou em entrevista para o DVD Festival Rootstock 2011:

A minha história na música para quem não sabe, eu aos 5 anos de idade eu vi Luiz Gonzaga a primeira vez em cima de um caminhão. Meus pais falavam que eu fiquei encantado, fiquei puxando todo mundo para ir pro pé do caminhão ver Luiz Gonzaga. E daí pedi um acordeonzinho né, ganhei um acordeonzinho de 12 baixos. Aos 7 anos eu já estava tocando a primeira música, aos 10 já tocava mais alguma coisa e tentei cantar e me acompanhar com o acordeon, três anos depois eu fui fazer parte em uma orquestra de baile, tocando acordeon, toquei dos 13 aos 17, aos 17 eu saí da orquestra, montei mais 2 irmãos e uns colegas de ginásio na época, uma banda que depois, banda de baile, que depois ia ser chamada de Os tropicais de Monteiro.²⁸

Ao longo dos anos de carreira, Flávio José compôs e interpretou diversas canções, entre as mais famosas estão “Espumas ao Vento”, “Tareco e Mariola” “Me diz amor” “De mala e Cuia” que fizeram sucesso por diversas regiões do Brasil e levou o cantor ao patamar de artista reconhecido nacionalmente, garantido ao cantor sucesso e reconhecimento mesmo diante de tantas dificuldades, como relatou:

Graças a Deus a gente conseguiu se firmar com muita dificuldade, a gente sabe que hoje, eu diria que é muito difícil de conseguir uma carreira artística hoje, porque as portas se fecham cada vez mais, principalmente aqui no Nordeste. Você tem dificuldade de tocar em rádio, você tem dificuldade de conseguir espaço nos eventos [...] ²⁹

O cantor veio de família humilde e teve sua vida marcada por altos e baixos, e como já mencionado, embora tenha se encontrado na música, o mesmo já trabalhou por muitos anos no Banco do Brasil, e só se dedicou de vez a música cerca de vinte e três anos depois de ingressar na carreira de bancário, expressando alegria e gratidão pelo legado que carrega e pela arte que sabe fazer tão bem, como expressou ainda na entrevista concedida ao Festival Rootstock:

E com muito orgulho dou continuidade aí a história da música nordestina, em nome de Luiz Gonzaga, em nome de tantos outros como Dominginhos, Marinês, Trio Nordeste, Três do Nordeste, é, é, Genival Lacerda, o próprio Luiz Gonzaga e tantos outros. E graças a Deus eu sou um privilegiado, porque passei muito tempo da minha carreira trabalhando no banco do Brasil sem tempo para nada, e hoje eu consegui um espaço que, como independente pra mim é uma vitória, é uma benção, eu

²⁸ Trecho da entrevista que o cantor concedeu para o DVD Festival Rootstock 2011 “DVD Festival Rootstock 2011 - Entrevista com Flávio José” disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UR1Sy21DWg8>>. Acesso em: 09 de maio 2021.

²⁹ Idem.

num tem de que reclamar, eu to muito feliz por tudo que consegui na música nordestina.³⁰

Apesar das dificuldades existentes no caminho da música, como contou Flávio José, o cantor construiu um legado em nome da música nordestina e do forró, que marcou sua carreira e o consagrou como um dos maiores artistas do Nordeste, o que sem dúvidas representa muito para o povo nordestino e para história da terra onde nasceu.

A Banda Magníficos é outro fruto plantado nas terras de Monteiro e que prosperou com grandeza. A banda surgiu no município durante os anos 90 através da iniciativa do fundador e atual empresário da banda José Inácio da Silva, conhecido como Jotinha, que junto com seus irmãos aprenderam a tocar forró e foram se aperfeiçoando. O grupo começou se apresentando em clubes da cidade e nas regiões, sem imaginar inicialmente o sucesso que aguardava a banda. Como o empresário contou em cenas do Making Of do DVD da Banda Magníficos em 2005:

Aos poucos começamos a ganhar um dinheirinho, toda grana que a gente pegava era pra comprar instrumentos eletrônicos, até porque uma das minhas preocupações sempre foi, é, investir na banda. Comprei a primeira guitarra elétrica, depois comprei uma bateria e assim sucessivamente, conseguimos montar um pequeno grupo. E o nosso sonho era gravar um LP, a finalidade dessa gravação era apenas divulgar um pouquinho mais o nosso trabalho, a gente não esperava fazer sucesso. Só que o primeiro disco que tinha a música “Amor pra Sempre” surpreendeu, ele ficou conhecido, nós, nós apresentamos a música de trabalho e ficou conhecida a nível regional, ou seja, tocou apenas na Paraíba. Até por falta de recurso né, que, você não tinha como fazer uma divulgação ampla. Em seguida lançamos o CD “Meu Tesão é Você”, com esse conseguimos levar a nossa música para todo Nordeste. E vendemos mais de 200 mil cópias, de forma independente, nós não tínhamos gravadora na época.³¹

Com o passar dos anos a Banda Magníficos foi crescendo e ganhando cada vez mais destaque por todo o Nordeste, lançando novos CD's e DVD's com sucessos que se consagraram no mercado da música e na boca do povo, como “Chamego ou Xaveco”, “Me Usa”, “Verdadeiro Amor”, “Carta Branca” entre outras. Músicas de muito sucesso que foram interpretadas por diversos cantores, haja vista que a banda já possuiu muitas formações, e que consagrou a banda como uma das maiores do Nordeste. Entre os cantores que já passaram pela Magníficos, estão os monteirenses Neno, Adma Andrade, e Walkyria Santos, que atualmente

³⁰ Trecho da entrevista que o cantor concedeu para o DVD Festival Rootstock 2011 “DVD Festival Rootstock 2011 - Entrevista com Flávio José” disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UR1Sy21DWg8>>. Acesso em: 09 de maio 2021.

³¹ Trecho da entrevista de Jotinha, fundador da Banda Magníficos para o Making Of do DVD “Uma História de Sucesso - 2005” disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HcTf2CjbsEM>>. Acesso em 10 de maio 2021.

não fazem mais parte do grupo, mas que já levaram o nome de Monteiro e ainda levam por todo o Brasil. A banda inicialmente ganhou uma dimensão inimaginável e conquistou o público por onde passavam, como descreveu a cantora e ex-vocalista da Banda Magníficos Walkyria Santos quando apontada sobre a noção de sucesso que faziam, em entrevista para o projeto Imaginar no ano de 2019:

Hoje nós temos o entendimento melhor sobre tudo que acontece com cada um artista, com cada uma banda, por quê? Porque a internet nos entrega isso. Antes, naquele tempo, há 15 anos, 20 anos atrás que foi na época que eu tava nesse, nesse começo. Nós, eu, eu mesma não tinha a visão, eu não tinha a visão da grandiosidade do negócio. É, porque, tipo, a gente chegava numa cidade, num interior, não conseguimos nem descer do ônibus, muita gente, muita gente, muita gente ficava arruando o hotel. Então a gente tinha esse pequeno parâmetro da coisa, mas hoje a gente consegue ver isso com mais amplitude né? Mas eu tenho certeza que, que Magníficos e toda a sua história foi um estouro nacional, que até hoje tá difícil de alguém fazer alguma coisa pelo menos parecida, eu acho né.³²

Ao longo dos anos de carreira a Banda Magníficos alcançou muito sucesso, como pôde ser observado no trecho acima relatado pela monteirense e ex-integrante do grupo Walkyria Santos ao ser questionada sobre a dimensão do sucesso que faziam, hoje a cantora não faz mais parte do grupo, porém continua fazendo muito sucesso. Na entrevista menciona o fato de acreditar que nenhum projeto consiga se igualar com o que magníficos representou e ainda representa para várias gerações. Isso mostra a importância do grupo, da música, dos cantores e da retribuição por anos de trabalho, fruto que rendeu ao grupo certificados de platina e de ouro, contribuindo ainda para uma visibilidade da cidade onde a banda foi fundada, sendo essa Monteiro – Paraíba.

Muitos artistas monteirenses ganharam destaque no cenário nacional e trouxeram para Monteiro o reconhecimento, ou melhor, a representação de “Cidade Forró” uma cidade que respira cultura o ano inteiro, que é berço de poetas, repentistas, cantores, compositores, que encanta o turista e orgulha o morador. Ser de Monteiro é viver e festejar a poesia e a música o ano inteiro, é se orgulhar da terra que planta e colhe tantos frutos derivados da cultura, que atrai visitantes o ano inteiro e que vivencia a cultura e consome os artistas da terra como em nenhum outro lugar. Monteiro é a terra de Zabé da Loca, Pinto do Monteiro, Dejinha de Monteiro, Flávio José, da Banda Magníficos, de Walkyria Santos, Adma Andrade e tantos outros artistas que carregam o nome da cidade e contribuem para a preservação da cultura desse lugar.

³² Trecho da entrevista que a cantora Walkyria Santos concedeu para o projeto Imaginar “Perspectiva com Walkyria Santos” disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wbIvy6twGzk>>. Acesso em 11 de maio 2021.

4 O VALOR DA CULTURA PARA A TERRA: A RELAÇÃO DOS MONTEIRENSES COM A CULTURA LOCAL

Pensando em entender um pouco sobre a relação dos moradores da cidade de Monteiro – PB com a cultura e conseqüentemente qual a visão que esses possuem sobre aspectos relacionados à música em uma sociedade, foi elaborado um formulário com algumas questões respectivas ao objetivo proposto, ou seja, para que a partir das informações obtidas seja interpretada a relação da sociedade monteirense com a cultura local, especialmente com a música. Visando entender como os moradores da cidade consomem e vivenciam a cultura do lugar, além do desenvolvimento e representações do município a partir das práticas culturais.

A pesquisa em questão se mostra importante, pois é um caminho, como aponta Mina-
yo (2000), metódico para questionar e compreender o tema proposto do estudo, sendo esse as relações dos monteirenses com a cultura, na tentativa de esclarecer especialmente através da teoria e da prática como essa sociedade se representou através da cultura, consagrando práticas que se mantem vivas e “ditam” a dinâmica do município, como foi observado no capítulo anterior.

Desse modo, para além do levantamento bibliográfico e documental feito, uma vez que, segundo Gil (2008), são habitualmente os procedimentos da pesquisa, e foram métodos utilizados para desenvolver os conceitos necessários no decorrer da pesquisa, e traçar os caminhos estabelecidos para o estudo. Fez-se pertinente também à aplicação de um questionário, como ainda sugere o autor como métodos da pesquisa descritiva:

As pesquisas deste tipo têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados. (GIL, 2008, p. 28)

Assim sendo, foi formulado um questionário de caráter objetivo, cuja análise é de cunho quantitativo, haja vista que esse tipo de pesquisa parte do princípio de quantificar, avaliar e analisar uma determinada realidade social através dos números, com objetividade e clareza. Esse tipo de método caracteriza tipos de pesquisas que buscam compreender problemas a partir de evidências numéricas, nesse sentido, pensou-se em uma amostra populacional para realizar a coleta de dados e quantificar as respostas no sentido de validar as hipóteses, o que nesse caso é identificar a relação dos monteirenses com a cultura certificando ainda que a música é um documento importante para a sociedade.

A pesquisa foi desenvolvida em duas etapas; previamente através do delineamento do material bibliográfico e documental para a construção do referencial teórico-metodológico que investigou e descreveu as práticas e representações culturais em torno da cidade de Monteiro – PB no sentido de entender as mudanças que decorreram no município em uma temporalidade de 20 anos (1997 – 2019) a partir de aspectos da cultura; e da coleta de dados que investigou o conhecimento e a relação dos monteirenses com a cultura local.

Por isso, a pesquisa também acaba se caracterizando como qualitativa, considerando que a primeira etapa se liga ao fato da descrição de um objeto. Segundo Ferreira (2015, p. 117) “a análise qualitativa é essencial para o entendimento da realidade humana, das dificuldades vivenciadas, das atitudes e dos comportamentos dos sujeitos envolvidos, constituindo-se um suporte teórico essencial”. Combinando as duas metodologias na pesquisa o estudo torna-se quali-quantitativo. Então “tanto a abordagem qualitativa, quanto a quantitativa, dentro de suas especificidades, servem como base de apoio para a análise de dados” (Ibidem) gerando assim uma maior interação e diversidade no estudo.

Um dos métodos mais conhecidos da pesquisa quantitativa é o método survey, segundo Freitas et al. (2000, p. 2) “a pesquisa survey pode ser descrita como a obtenção de dados ou informações sobre características, ações ou opiniões de determinado grupo de pessoas, indicado como representante de uma população-alvo, por meio de um instrumento de pesquisa, normalmente um questionário” é, nesse sentido, uma das principais formas de coleta de dados e consiste basicamente em pedir para que os indivíduos respondam um questionário com as perguntas selecionadas.

Para a realização desta pesquisa, foi elaborado um questionário através da plataforma online Google Forms, uma das ferramentas digitais que a pesquisa survey pode ser aplicada. O questionário foi estruturado em três sessões, e não pediu a identificação nominal de nenhum participante da pesquisa, garantindo assim que a identidade do indivíduo fosse preservada. A primeira sessão referente à coleta dos dados solicitava ao participante seu interesse em colaborar com a pesquisa. A segunda sessão continha perguntas sociodemográficas: se o participante nasceu na cidade pesquisa, nesse caso em Monteiro, se ainda reside, há quanto tempo mora/morou no município, gênero, faixa etária e grau de escolaridade, para que fosse possível traçar um perfil do grupo e determinar se a pesquisa está atingindo seu público-alvo, coletando as informações necessárias e constatando a confiabilidade da pesquisa. A terceira sessão foi desenvolvida a partir dos estudos referentes à cultura e a música, e por meio desse referencial teórico, foram elaboradas onze questões tratando pontos referentes à importância da cul-

tura, ao consumo pela população dos artistas monteirenses, a preservação da história através da música e outros.

Nesse sentido, pensou-se em uma amostragem precisa, ou seja, uma parcela significativa da população de Monteiro, que resida ou tenha residido na cidade por mais de dois anos, para não perder credibilidade e gerar resultados confiáveis. Então, para definir o tamanho da amostra levando em consideração a estimativa da população de Monteiro que é de 33.433 habitantes, para que o grau de confiança da pesquisa fosse de 99% e a margem de erro de 10%, pode-se utilizar duas formas, a primeira é através do seguinte cálculo (Tamanho da amostra = $N Z^2 p (1-p) (N-1) e^2 + Z^2 p (1-p)$) que considera N= população, Z= o desvio aceito para alcançar o nível de confiança desejado, e= a margem de erro máxima, p = a proporção que será encontrada³³, e a segunda é através do cálculo online³⁴ e através de softwares, dessa forma o cálculo indicou que o tamanho mínimo da amostra deveria ser de 166 indivíduos.

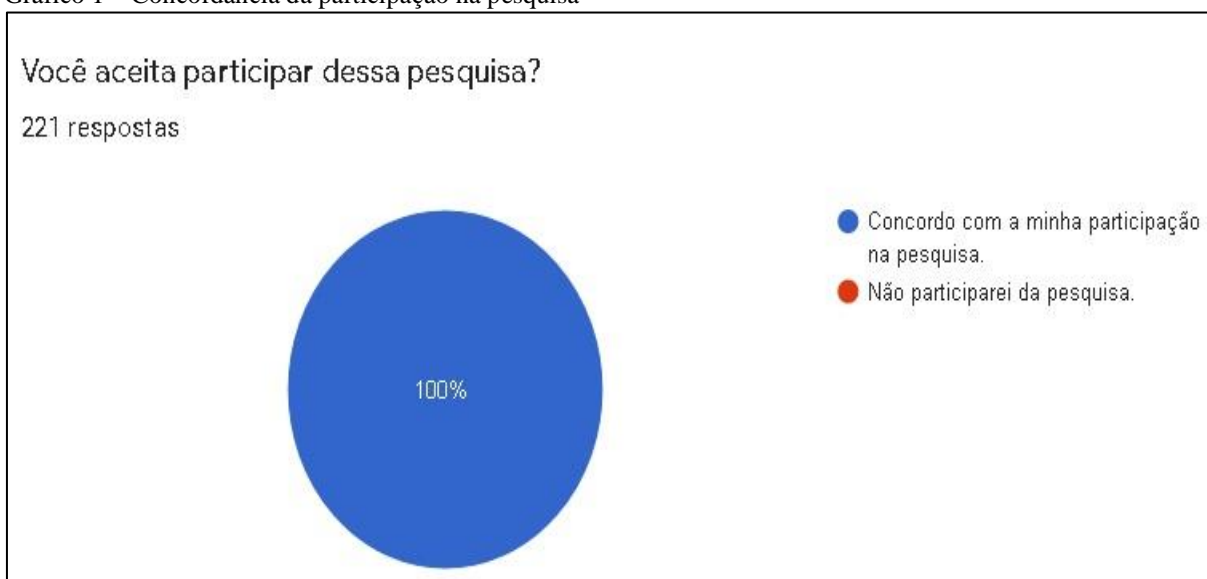
Sendo assim a pesquisa se mostra segura e confiável, haja vista que a amostra foi de 221 sujeitos, ou seja, maior que o valor mínimo recomendado. E mais uma vez não foi necessário que ninguém fosse identificado, apenas que estivesse logado em conta do Google para poder ter acesso ao questionário respondendo apenas uma vez. O formulário foi compartilhado com moradores da cidade de Monteiro através das redes sociais, e a pesquisa teve apenas como critério de exclusão indivíduos que nunca tenham residido em Monteiro – PB, dessa forma quem selecionasse a opção que nunca residiu na cidade, não passava para a próxima etapa e teve a resposta excluída, uma configuração na própria plataforma. Tendo em vista que se trata de uma coleta sobre a relação de monteirenses e moradores da cidade com a cultura não há lógica em manter as respostas de quem nunca tenha tido acesso a cultura local.

Ao acessar o link compartilhado nas redes sociais e abrir o formulário o participante deveria concordar com a participação na pesquisa para dar continuidade, e o resultado foi o seguinte como consta no Gráfico (1):

³³ A fórmula e as informações referentes ao cálculo de definição amostral encontram-se disponível em: < <https://viacarreira.com/pesquisa-quantitativa/>>. Acesso em: 19 de abr. 2021.

³⁴ Link para realizar o cálculo do tamanho da amostra, disponível em: < <https://pt.surveymonkey.com/mp/sample-size-calculator/>>. Acesso em: 19 de abr. 2021

Gráfico 1 – Concordância da participação na pesquisa



Fonte: Gerado pelo Google Forms (2021).

Das 221 respostas obtidas, 100% dos participantes concordaram em participar da pesquisa, no auto da descrição do formulário constava que ele foi elaborado para obter informações sobre a relação da sociedade monteirense com a cultura local, especialmente com a música. Visando entender como os moradores da cidade consomem e vivenciam a cultura do lugar, além do desenvolvimento e representações do município a partir das práticas culturais, e que não era necessária identificação, preservando dessa forma a identidade do sujeito.

Gráfico 2 – Informação sobre o lugar de nascimento do participante



Fonte: Gerado pelo Google Forms (2021).

Em relação à primeira pergunta da segunda seção os participantes deveriam informar se nasceram na cidade de Monteiro – PB, como apresenta o Gráfico (2) 71,5% que equivale a 158 respostas responderam que sim, e 28,5% que equivale a 63 responderam que não. Diante disso a maioria ainda representa que são naturais do município.

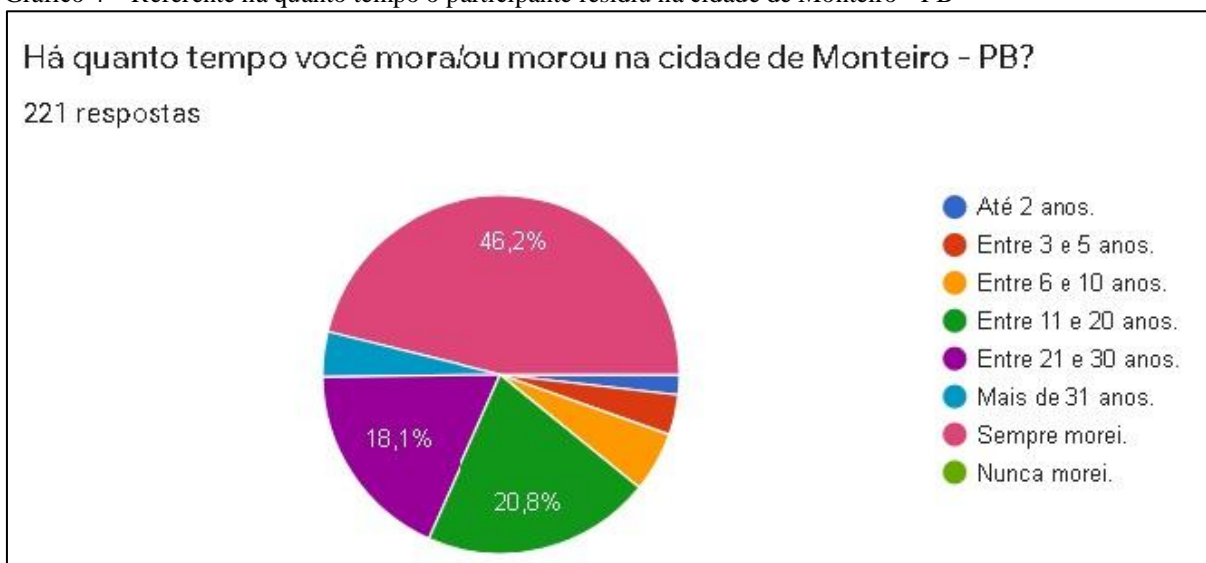
Gráfico 3 – Questionamento sobre se o participante reside ou já residiu em Monteiro – PB



Fonte: Gerado pelo Google Forms (2021).

De acordo com o Gráfico (3) quando questionado se o indivíduo mora ou já morou na cidade de Monteiro – PB as 221 respostas foram positivas, configurando 100% de confirmação, o que mostra que todos os participantes já residiram ou ainda residem na cidade.

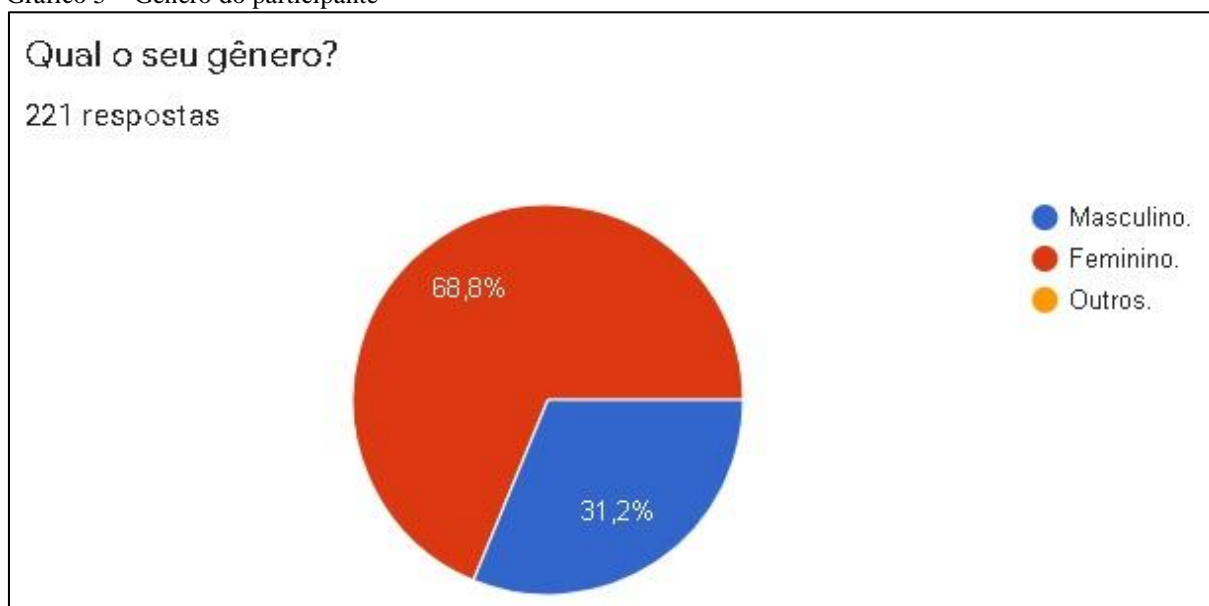
Gráfico 4 – Referente há quanto tempo o participante residiu na cidade de Monteiro - PB



Fonte: Gerado pelo Google Forms (2021).

O gráfico (4) apresenta as respostas dos participantes referentes ao tempo que moram ou moraram na cidade, entre as respostas obtidas: 1,8% responderam até dois anos, 3,6% entre três e cinco anos, 5,4% entre seis e dez anos, 20,8% entre onze e vinte anos, 18,1% entre vinte e um e trinta anos, 4,1% mais de trinta e um anos, 46,2% declararam que sempre moraram na cidade. Sendo assim, constata-se que 89,2% que equivale a 197 participantes moram ou já moraram na cidade há mais de 10 anos. E, portanto possuem um contato de longo tempo com o município.

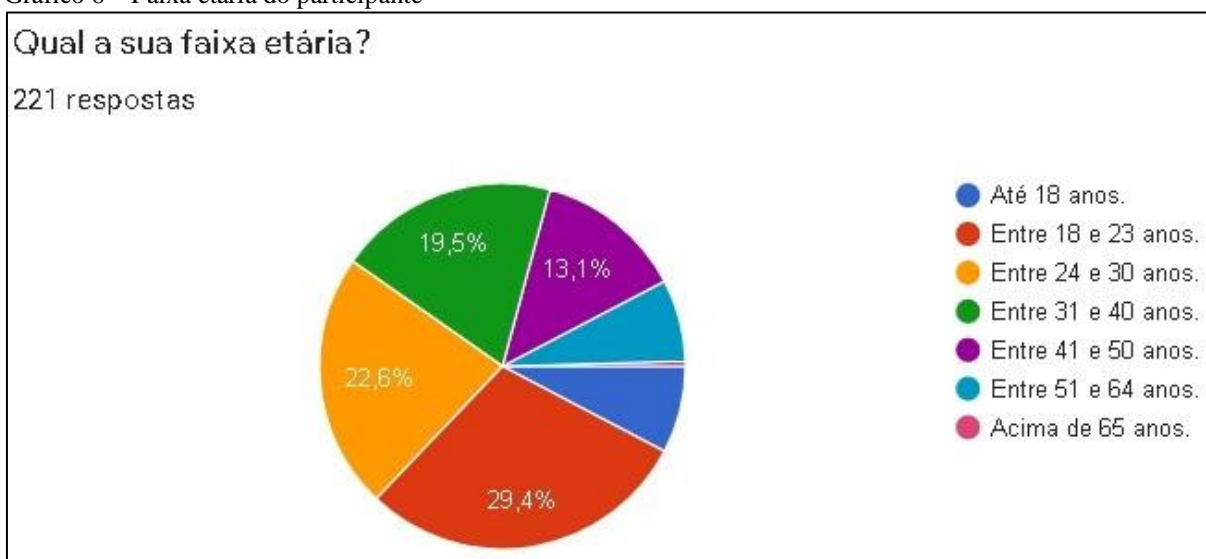
Gráfico 5 – Gênero do participante



Fonte: Gerado pelo Google Forms (2021).

De acordo com o Gráfico (5) acima, 68,8% (152 participantes) da amostra é constituída por participantes que se identificaram como do gênero feminino e 31,2% (69 participantes) se identificaram como do gênero masculino.

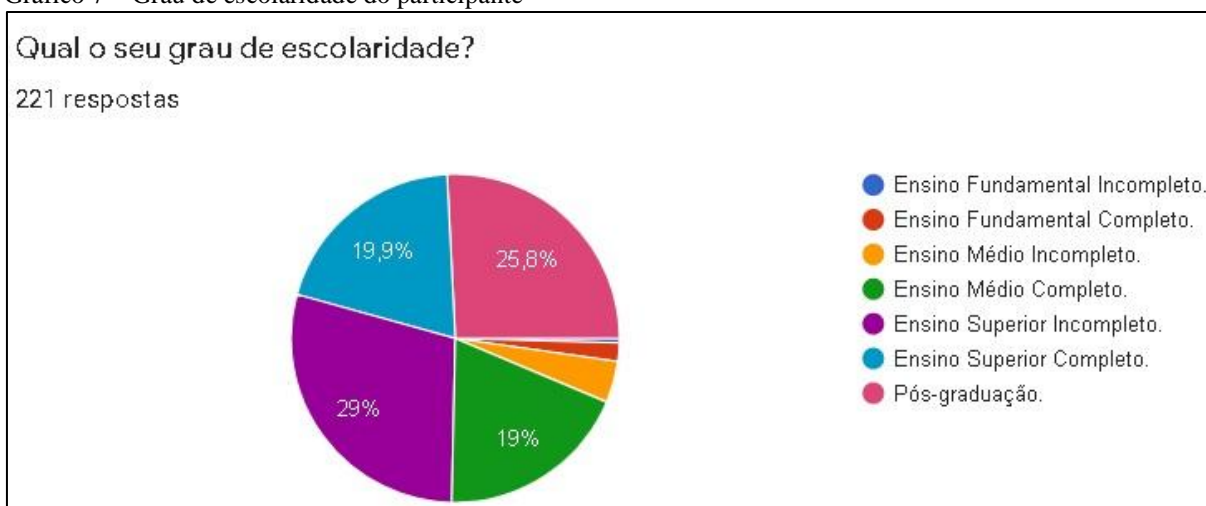
Gráfico 6 – Faixa etária do participante



Fonte: Gerado pelo Google Forms (2021).

Ainda em relação aos dados sociodemográficos, pode-se notar de acordo com o Gráfico (6) a variedade no que se refere à faixa etária dos participantes, onde 7,7% declararam que tinham até 18 anos, 29,4% entre 18 e 23 anos, 22,6% entre 24 e 30 anos, 19,5% entre 31 e 40 anos, 13,1% entre 41 e 50 anos, 7,2% entre 51 e 64 anos e 0,5% acima de 65 anos. O que configura que 204 participantes possuem mais de 18 anos de idade. A última pergunta referente a dados sociodemográficos foi sobre o grau de escolaridade dos mesmos, podendo ser observado através do Gráfico (7) os seguintes resultados:

Gráfico 7 – Grau de escolaridade do participante



Fonte: Gerado pelo Google Forms (2021).

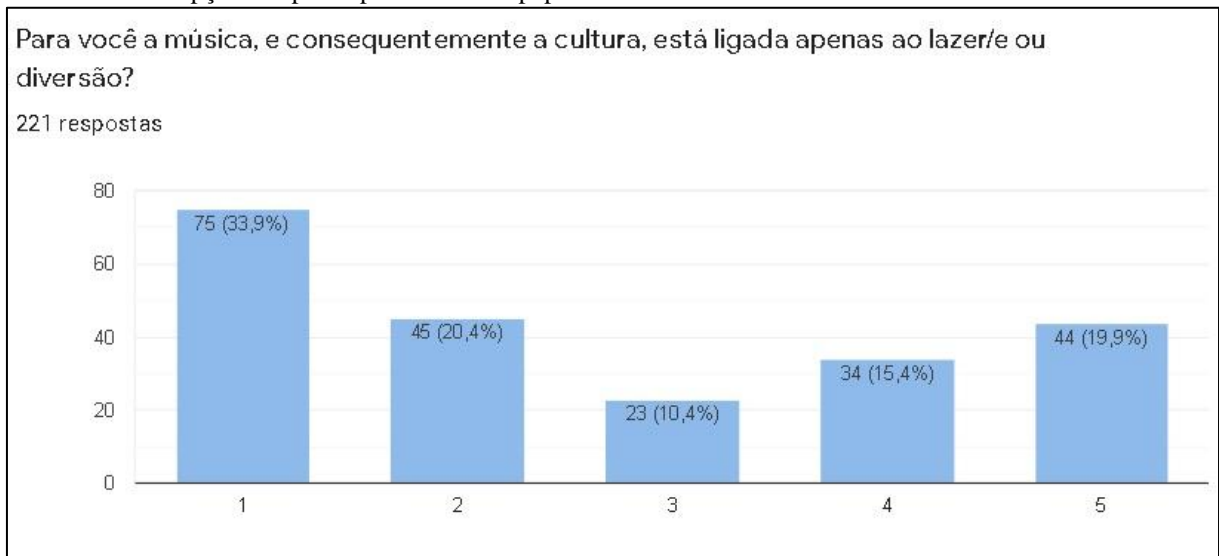
Com relação à escolaridade, 0,5% declarou ter o ensino fundamental incompleto, 1,8% ter o ensino fundamental completo, 4,1% ensino médio incompleto, 19% ensino médio

completo, 29% ensino superior incompleto, 19,9% ensino superior completo e 25,8% declararam estar ou ter completado uma pós-graduação.

Os dados sociodemográficos foram variáveis e possibilitam que sejam traçados perfis sobre os sujeitos participantes da pesquisa, uma vez que, segundo Freitas et al. (2000, p. 4), “a principal característica da amostra probabilística é o fato de todos os elementos da população terem a mesma chance de ser escolhidos, resultando em uma amostra representativa da população”. Dessa forma, foram de variadas características os participantes da amostra.

Após responderem os itens da segunda seção, referentes ao contato com Monteiro, gênero, idade e escolaridade, passaram para a terceira e última etapa do formulário. Nessa etapa foi pedido para que os participantes fizessem uma breve reflexão sobre a vivência de cada um na cidade de Monteiro - PB. E através dessa reflexão respondessem as onze questões usando uma escala linear de cinco pontos, que considera 1 – Discordo Totalmente, 2 – Discordo Parcialmente, 3 – Indeciso, 4 – Concordo Parcialmente, 5 – Concordo Totalmente. A primeira pergunta gerou os seguintes resultados, como mostra o gráfico (8) abaixo:

Gráfico 8 – Percepção dos participantes sobre o papel da cultura



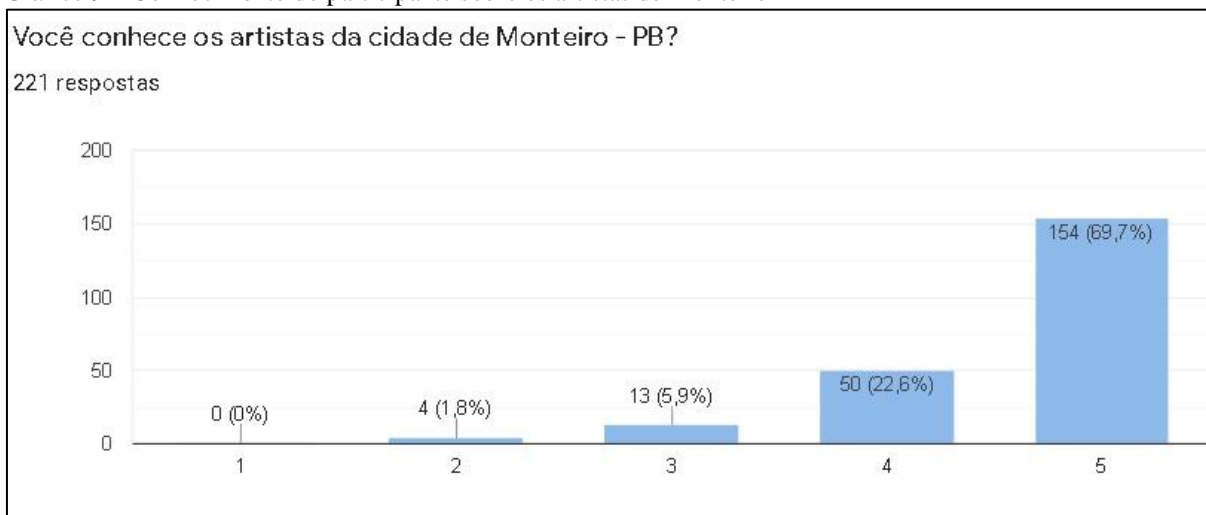
Fonte: Gerado pelo Google Forms (2021).

A primeira questão indagou ao participante se a música e conseqüente a cultura está ligada apenas ao lazer, 33,9% responderam que discordavam totalmente, 20,4% que discordavam parcialmente, 10,4% se manifestou indeciso, 15,4% concordou parcialmente e 19,9% concordou totalmente. Assim sendo, os resultados se manifestaram de forma divergente, uma parte dos participantes acredita que a música está ligada apenas ao lazer e outra discorda, segundo Cunha & Pacheco (2011) como foi mostrado no início do estudo, a

música faz parte de vivências complexas que despertam sentimentos diversos e constroem identidades e se caracterizam muito mais do entretenimento e distração.

O Gráfico (9) mostrou respostas mais aproximadas no que se referiu à pergunta sobre se o participante conhece os artistas da cidade de Monteiro – PB:

Gráfico 9 – Conhecimento do participante sobre os artistas de Monteiro - PB



Fonte: Gerado pelo Google Forms (2021).

No Gráfico (9) acima, os resultados foram em sua maioria concordantes, onde 69,7% ou 154 participantes concordaram que conheciam os artistas da cidade de Monteiro – PB, 22,6% concordaram parcialmente, 5,9% se mostraram indecisos e 1,8% discordaram parcialmente. Nesse caso, o resultado mostra que a maioria de alguma maneira conhece o trabalho dos artistas monteirenses. Mas ainda em relação a eles, quando perguntados sobre o consumo do trabalho desses artistas, os resultados variaram como mostra o Gráfico (10):

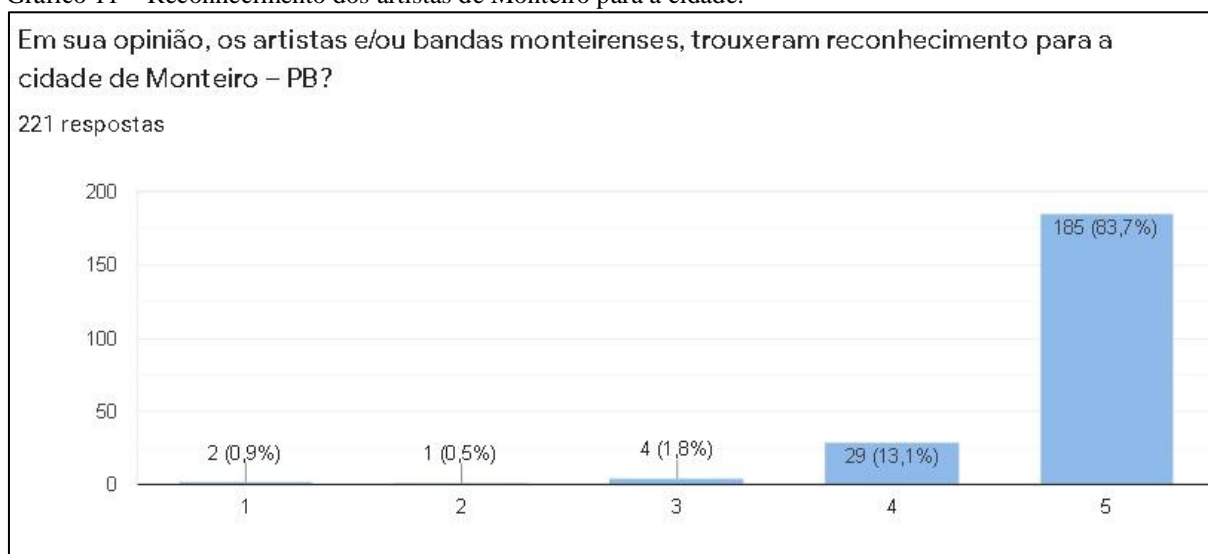
Gráfico 10 – Consumo referente ao trabalho dos artistas monteirenses



Fonte: Gerado pelo Google Forms (2021).

Questionados se os participantes consideram-se consumidores dos artistas monteirenses, 42,1% concordaram totalmente, 27,1% concordaram parcialmente, 17,2% foram indecisos, 10,9% discordaram parcialmente e 2,7% discordaram totalmente. Nesse caso já se percebe uma baixa quanto ao gráfico anterior, onde embora a maioria tenha demonstrado que conhecem os artistas da cidade, não consomem da mesma forma. Levando em consideração apenas os que concordaram, 69,2% tomam-se como consumidores dos artistas da terra, mas ainda assim representam uma boa parcela.

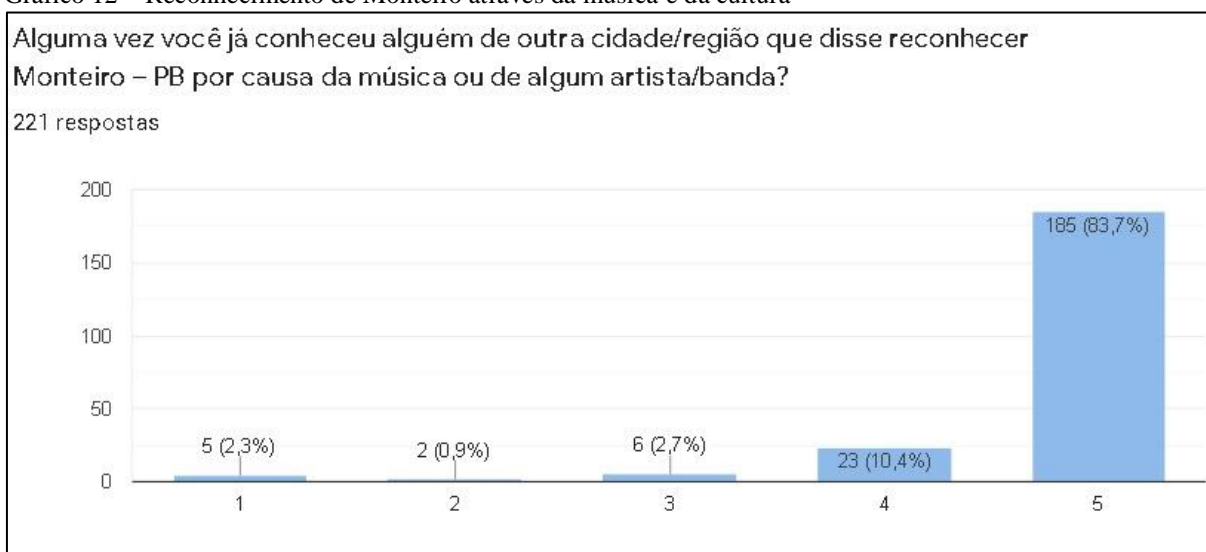
Gráfico 11 – Reconhecimento dos artistas de Monteiro para a cidade.



Fonte: Gerado pelo Google Forms (2021).

O Gráfico (11) acima mostra um resultado quase que absoluto referente à opinião dos participantes quando questionados se os artistas e bandas monteirenses trouxeram reconhecimento para a cidade, 83,7% concordaram totalmente, 13,1% concordaram parcialmente, 1,8% manifestaram-se como indecisos, 0,5% discordaram parcialmente e 0,9% discordaram totalmente. Isso evidencia, portanto, a cultura que se formou em volta do município, confirmada através da opinião dos participantes quanto a Monteiro ser uma cidade que cresceu e se reconhece através da cultura.

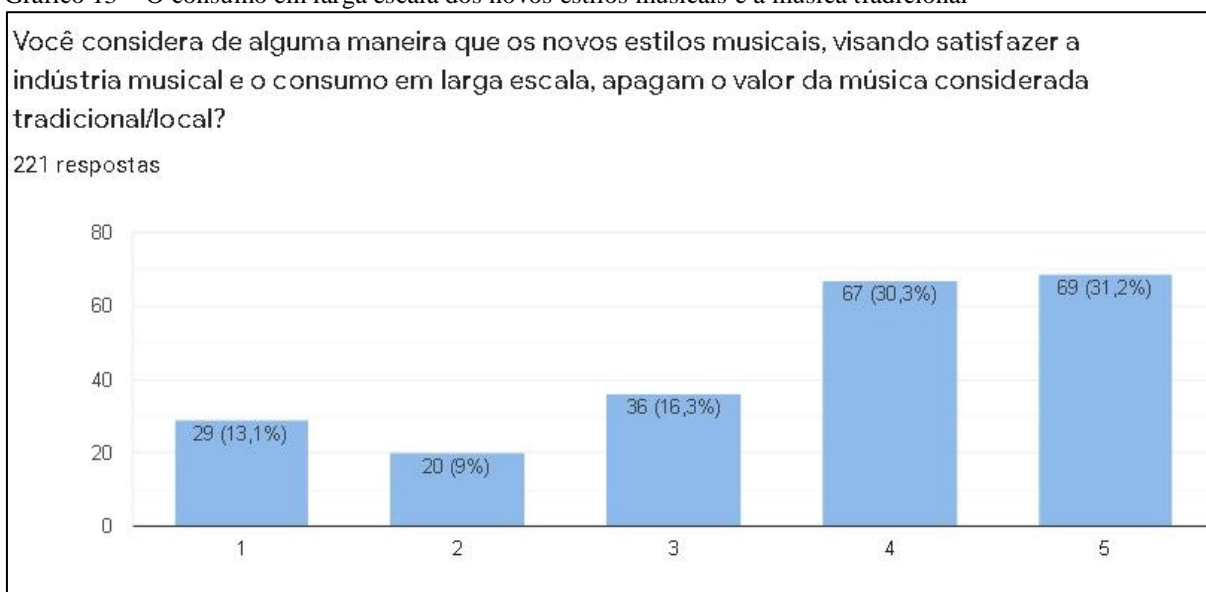
Gráfico 12 – Reconhecimento de Monteiro através da música e da cultura



Fonte: Gerado pelo Google Forms (2021).

O Gráfico (12) constata resultados bem curiosos e interessantes, questionados sobre se os participantes alguma vez conheceram alguém de outra cidade ou região que afirmou reconhecer Monteiro – PB por causa da música ou de algum artista/banda a maioria, 83,7% concordaram totalmente, 10,4% concordaram parcialmente, 2,7% ficaram indecisos, 0,9% discordaram parcialmente e 2,3% discordaram totalmente. Isso evidencia o papel que a cultura monteirense possui, haja vista que artistas como Zabé Da loca, Flávio José, Walkyria Santos, Adma Andrade e a Banda Magníficos são conhecidos nacionalmente e já passaram por diversas regiões, o que acaba levando o nome da cidade para fora.

Gráfico 13 – O consumo em larga escala dos novos estilos musicais e a música tradicional



Fonte: Gerado pelo Google Forms (2021).

O Gráfico (13) reproduz a opinião dos participantes quando questionados se consideram que os novos estilos musicais, visando satisfazer a indústria musical e o consumo em larga escala, apagam o valor da música considerada tradicional/local, sobre isso 31,2% concordaram totalmente, 30,3% concordaram parcialmente, 16,3% mostraram-se indecisos, 9% discordaram parcialmente e 13,1% discordaram totalmente. Essa é uma questão muito delicada, haja vista que em muitos lugares não há ações referentes à preservação de uma cultura tradicional. Em Monteiro o Festival de Cultura Zabé da Loca e o São João são algumas das ações que buscam preservar a música e incentivar a cultura local, em um período que tantas pessoas desvalorizam a cultura regional essas ações são muito importantes.

Gráfico 14 – A tradição musical como preservação da história monteireense



Fonte: Gerado pelo Google Forms (2021).

O Gráfico (14) resulta a opinião dos participantes se as obras monteirenses de alguma forma podem relatar problemas, contar e/ou guardar uma história, nesse caso, 67% concordaram totalmente, 19,9% concordaram parcialmente, 7,2% indecisos, 2,3% discordaram parcialmente e 3,6% discordaram totalmente. Havendo dessa forma uma maioria de 148 participantes concordando que as obras monteirenses possuem algumas dessas funções, já que a terra tem muitos artistas e obras derivadas desses, é natural que considerem esse valor sobre a música e sintam-se guardados na história.

Como já foi mostrado ao longo das linhas deste trabalho, a cidade de Monteiro – PB possui algumas manifestações culturais que contribuem para o reconhecimento da cidade, nesse sentido o Gráfico (15) evidencia o resultado sobre a participação dos moradores nos eventos culturais do município:

Gráfico 15 – Participação dos moradores de Monteiro nas manifestações culturais do município



Fonte: Gerado pelo Google Forms (2021).

Nesse caso, 53,4% dos participantes concordaram totalmente sobre frequentar eventos culturais como festivais de música, feiras e shows em Monteiro, 28,1% concordaram parcialmente, 10,4% indecisos, 5% discordaram parcialmente e 3,2% discordaram totalmente. Grande parte então demonstrou que se faz presente nos eventos, e isso com certeza contribui para o consumo da cultura, além de movimentar o setor econômico da cidade.

O gráfico (16) refere-se às ações por parte dos órgãos competentes da cidade no fomento a cultura, e os resultados podem ser observados abaixo:

Gráfico 16 – Percepção do participante sobre as ações do município para cultura



Fonte: Gerado pelo Google Forms (2021).

Nessa questão os participantes responderam se os órgãos e instituições competentes da cidade de Monteiro – PB trabalham no sentido de inserir e divulgar a cultura local para a sociedade, inclusive divulgando o trabalho dos artistas regionais e locais, 29,9% dos indivíduos concordaram totalmente, 29,9% concordaram parcialmente, 22,2% ficaram indecisos, 11,8% discordaram parcialmente e 6,3% discordaram totalmente. 132 respostas foram no sentido de concordar que existem ações referentes ao incentivo da cultura, 40 discordaram e 49 demonstraram estar indecisos. O fato é que ações e movimentos de preservação a cultura devem se manter sempre constantes, haja vista que a cultura é uma fonte fundamental para a história de uma sociedade, e sendo assim, para uma cidade que se orgulha de carregar nomes de artistas tão importantes e de se representar através de práticas culturais, o incentivo deve ser dobrado.

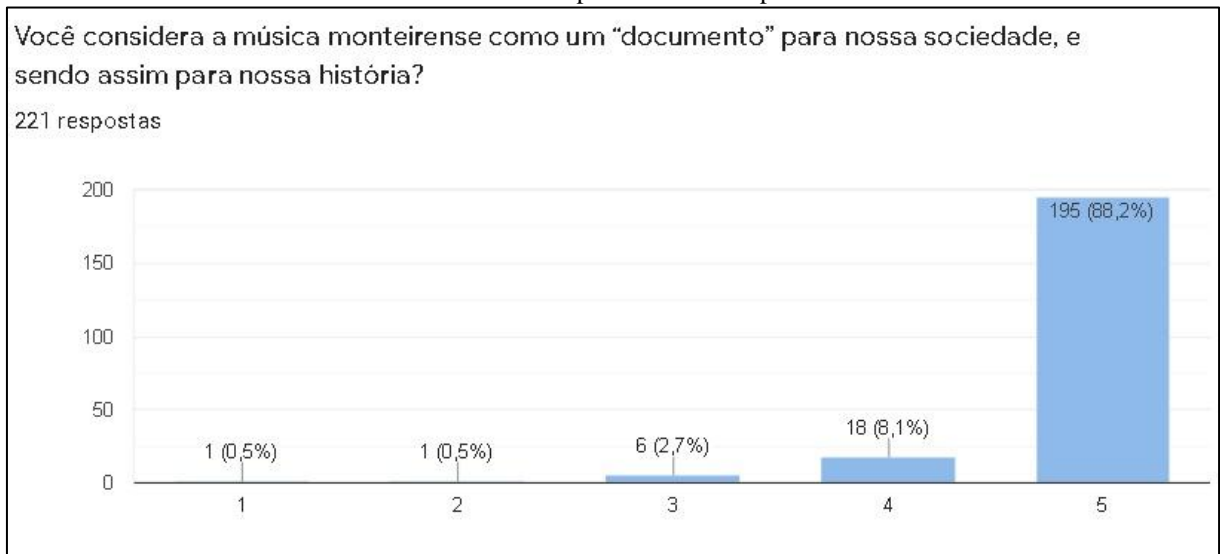
Gráfico 17 – O valor da música para uma sociedade



Fonte: Gerado pelo Google Forms (2021).

O resultado do gráfico (17) refere-se à opinião dos participantes quanto ao valor político-ideológico da música, ou seja, se para eles através da música é possível perceber crenças, ideais e valores de uma sociedade, nesse sentido, 60,2% concordaram totalmente, 24,4% concordaram parcialmente, 9,5% indecisos, 2,3% discordaram parcialmente e 3,6% discordaram totalmente. É muito interessante notar que 187 respostas foram no sentido de concordar que a música é esse objeto que representa valores de uma sociedade. O que dar margem para a última questão do formulário, cujo resultado é expresso no gráfico (18) abaixo:

Gráfico 18 - A música monteirense como documento para sociedade e para a história



Fonte: Gerado pelo Google Forms (2021).

O Gráfico (18) aponta as respostas dos participantes sobre considerarem a música monteirense como um documento para a sociedade e sendo assim, para a história do lugar. Das 221 respostas obtidas, 195 foram no sentido de concordar totalmente, o que equivale a 88,2%, 8,1% concordaram parcialmente, 2,7% manifestaram-se como indecisos, 0,5% discordou parcialmente e 0,5% discordou totalmente.

Os resultados obtidos através da coleta de dados realizada na cidade de Monteiro – PB identifica pontos muito importantes já abordados nas linhas deste trabalho, e confirmam ideias que vão ao encontro da valorização da cultura e da utilização da música como uma fonte para o estudo do município. Visto que a maioria dos participantes considerou que a música não se trata apenas de diversão, reitera-se a ideia de valor sobre a música e, portanto sobre a cultura. Indo ao encontro do pensamento de Moraes (2000) no que se refere à música como a memória de um lugar.

Além disso, os resultados mostraram dados muito positivos sobre a relação e o consumo dos moradores com o trabalho dos artistas da terra, considerando que a maioria respondeu que conheciam e que se consideravam consumidores desses, o que reforça a existência dessa relação com a cultura do lugar. Ademais, grande parte dos participantes confirmou o reconhecimento que esses artistas trazem para a cidade de Monteiro, uma vez que por se tratarem de moradores observam as interações existentes na cidade, as práticas e a visibilidade que a cidade ganhou, especialmente por a grande maioria ter afirmado que já escutou algum indivíduo de outra localidade saber a respeito do município devido ao trabalho de artistas e bandas Monteirenses.

As ações que foram desenvolvidas na localidade ao longo dos anos continuam sendo muito importantes para manter uma tradição que se consolidou e fez com que a cidade se reconhecesse em torno delas. E particularmente pelo enaltecimento do trabalho e dos artistas da terra, ainda mais em um período que muitas novidades são produzidas visando satisfazer a indústria musical, como uma parte da amostra dos participantes considera ser um fator para apagar o valor da música tradicional/local.

Mas o fato da cidade se reconhecer em torno dessas práticas culturais, caracteriza o valor que a cultura carrega para os habitantes, dado que os moradores se mostram interessados, consomem, frequentam os eventos culturais organizados pelos órgãos competentes da cidade e consideram que as obras monteirenses guardam sua história.

Essa relação da cidade com a cultura possibilita uma comunicação e interação importante entre os diversos âmbitos da sociedade, uma vez que a cultura se liga com os diversos setores sociais, econômicos e políticos, e fomenta ações que refletem em cada setor, apenas agregando no valor da cidade, divulgação e principalmente no desenvolvimento do município.

Em suma, os dados coletados reiteram com o que foi explicitado durante esse trabalho, ou seja, que a música se caracteriza, sobretudo como um objeto de valor sociológico que carrega em si histórias e memórias de um lugar, sendo, portanto, um documento. E que nas últimas décadas vem sendo utilizada cada vez mais como uma fonte de valor, pois é o resultado de várias ideias que ajudam a pensar a sociedade, tendo hoje um lugar de privilégio na história sociocultural. (NAPOLITANO, 2002). Permitindo ainda que a História de Monteiro fosse apresentada em uma perspectiva cultural.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é de hoje que a música encontra-se presente na vida cotidiana dos milhares de indivíduos que existem no universo, sendo assim está presente em todos os lugares, seja para divertir, dançar, cantar, protestar, ou mesmo guardar uma história. E não está limitada a apenas uma função. No Brasil a trajetória da música popular, ou urbana, iniciou-se no fim do século XVIII e passou por processos de diversificação que puderam ser observados neste trabalho e que foram de fundamental importância para a consideração e utilização da música como um objeto de pesquisa de grande valor, evidenciando o caráter documental que possui.

A música move a sociedade ao proporcionar mudanças em diversos sentidos e âmbitos, como ocorreu no município de Monteiro. Onde a partir de práticas culturais envolvidas pela presença de uma cultura artística e musical, puderam surgir mudanças sociais, econômicas, políticas e culturais, vistas em uma temporalidade compreendida entre cerca de 20 anos (1997 – 2019).

Foi nesse sentido que o estudo proposto se encaixou, entendendo como a presença da cultura na cidade de Monteiro – PB, através de artistas como Pinto do Monteiro, Zabé da Loca, Flávio José, Magníficos, Dejinha de Monteiro, Walkyria Santos, Neno, Adma Andrade, entre outros, afetaram a dinâmica no município, proporcionando visibilidade ao lugar e influenciando em mudanças nos diversos âmbitos. Mobilizando dessa forma ações no que se refere à implantação de práticas culturais que se tornaram tradição e movimentam a cidade, como o Festival de Cultura Zabé da Loca e o São João, o que contribuiu para a representação construída na e pela cidade, no sentido de reconhecer Monteiro como a “Cidade Forró”.

Através das contribuições dos historiadores da cultura, puderam ser estudadas formas para ajudar a decifrar as representações do homem sobre o mundo, tais como a representação de Monteiro como cidade de cultura. Haja vista que a História Cultural ajuda a pensar a cultura como um conjunto de significados que explicam o mundo (PESAVENTO, 2012). O que garante apenas novas formas de conhecer e narrar à história de um lugar.

Monteiro vivencia a cultura em todos os seus aspectos, tradições foram firmadas ao longo do tempo para reconhecer isso, nomes de artistas da terra são exaltadas e a própria população consome e vivencia manifestações culturais do lugar, fomentando a representação que circula no município como foi possível ainda observar através da coleta de dados realizada, que investigou a relação dos monteirenses com a cultura. Dessa forma Monteiro pôde ser apresentada ao leitor através de suas manifestações culturais que consagraram a cidade como um berço de artistas e a Cidade Forró, além da princesinha do Cariri Paraibano.

REFERÊNCIAS

- BARROS, José D' Assunção. **A Expansão da História**/ José D' Assunção Barros. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- BARROS, José D' Assunção. **A Nova História Cultural** – Considerações sobre o universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos. In: Cadernos de história. -Belo Horizonte, v.12 n° 16, 2011, p. 1-26.
- CARLOS Gomes. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa15076/carlos-gomes>. Acesso em: 03 de Mar. 2021. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7.
- CUNHA, Rosemyriam; PACHECO, Maria Carolina S. C. **Música na vida cotidiana**. Ver. Cient. / FAP, Curitiba, v.7, p. 319-334, jan./jun. 2011.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1988.
- FERREIRA, Carlos Augusto Lima. **Pesquisa quantitativa e qualitativa: perspectivas para o campo da educação**. Revista Mosaico, v. 8, n. 2, p. 173-182, jul./dez. 2015
- FREITAS (H.), OLIVEIRA (M.), SACCOL (A.Z.) e MOSCAROLA (J.). **O método de pesquisa survey**. São Paulo/SP: Revista de Administração da USP, RAUSP, v. 35, nr. 3, p. 105-112. Jul-Set. 2000
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**/ Antonio Carlos Gil. - 6. ed. - São Paulo : Atlas, 2008
- MARTINS, Luiza Mara Braga. **As Memórias Construídas em torno dos oito batutas**. XIV Encontro Regional da Anpuh-Rio: Memória e Patrimônio, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276618217_ARQUIVO__As_2_.pdf. Acesso em: 03 de Mar. de 2021. ISBN 978-85-60979-08-0.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Ciência, Técnica e Arte: o desafio da pesquisa social**. In: MINAYO, Maria Cecília de S. (Org.). Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. 16ª edição. Petrópolis: RJ. Vozes, 2000.
- MORAES, José Geraldo Vinci de. **História e Música: canção popular e conhecimento histórico**. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 20, n° 39, p. 203-221, 2000.
- NAPOLITANO, Marcos. **História & música** – história cultural da música popular /Marcos Napolitano. – Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- OLIVEIRA, Adriana Mattos. **A Jovem Guarda e a Indústria Cultural: análise da relação entre o movimento jovem guarda, a indústria cultural e a recepção de seu público**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.

PESAVENTO, Sandra Jatthy. **História & História Cultural** – 3. ed. – Belo Horizonte: Autentica, 2012.

RAFAEL, Eusilene Maria. **A Representação midiática de Monteiro como “Cidade de Cultura”**: Identidade e Patrimônio Cultural. Maria Lindaci. 2011. 72 f. TCC (Graduação) – Curso de História, Departamento de História, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2011. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/2491/1/PDF%20-%20Eusilene%20Maria%20Rafael.pdf>. Acesso em: 15 de Mar 2021.

SAWAYA, Luíza. **Domingos Caldas Barbosa: para além da Viola de Lereno**. Dissertação (Mestrado em Estudos Românicos). Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 2011.

SILVA, Maria Ivoneide da. **Poesia, Performance e Memória de Severino Lourenço da Silva Pinto, o “Pinto do Monteiro”**: um marco na história do repente nordestino. Tese (Doutorado do Programa de pós-graduação em Letras e Linguística). Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, 2009.

SOUZA, Ricardo Luiz. **Modernismo e Cultura Popular: o projeto estético de Mario de Andrade**. *Mediações – Revista de Ciências Sociais*, Londrina, v. 10, n.1, p. 105-123, jan.-jun. 2005 ISSN 1414-0543.

Periódicos

Jornal Correio da Paraíba. 22, dez, 1997.

Jornal Correio da Paraíba. 21, jan, 1998.